UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ÁRABE

OS LIBANESES EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: A HISTÓRIA DOS QUE IMIGRARAM ENTRE 1950 E 1970

Rosemary Nader Elkhouri

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Daniel Elias Farah

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ÁRABE

OS LIBANESES EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: A HISTÓRIA DOS QUE IMIGRARAM ENTRE 1950 E 1970

Rosemary Nader Elkhouri

São Paulo
2010

Dedico este trabalho ao Mounir, meu filho amado que sempre esteve ao meu lado acompanhando todos os meus passos para realizar esse trabalho tão importante para minha vida pessoal e profissional.

Ao Willian, meu grande amor e companheiro de todos os momentos que esteve ao meu lado durante a realização do meu trabalho, compreendendo as minhas ausências e vibrando pelo meu sucesso.

Aos meus pais, Hind e Youssef, que são minhas fontes inspiradoras, meus exemplos de trabalho e de sabedoria.

Agradeço a Deus as inspirações felizes que me foram sugeridas.
Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Daniel Elias Farah, pela sua dedicação, sua orientação, pela sua paciência e a formação que a mim conferiu.
Agradeço aos colaboradores que foram essenciais para a realização da pesquisa e para o desenvolvimento da dissertação.
Agradeço à minha amiga Maria José Acedo del Olmo as palavras de apoio e pelos livros emprestados com livre acesso a sua imensa biblioteca
Agradeço à minha família o apoio fornecido no decorrer do curso e no término deste trabalho.
Agradeço ao meu primo Mauricio Cury e à equipe do Portal de São José dos Campos a compreensão em relação ao meu afastamento no trabalho.
Agradeço as minhas primas Maria Aparecida, Sandra Regina e amigos por compreenderem a minha ausência nos momentos em que queriam a minha presença.

RESUMO

Neste trabalho, disserta-se, por meio da história oral de libaneses que imigraram entre 1950 e 1970, sobre a experiência desses imigrantes na nova terra e sobre suas formas de inserção na cultura local, em São José dos Campos (estado de São Paulo), localizado no Vale do Paraíba. Além da história oral, metodologia fundamental para esta dissertação, recorreu-se a diversas fontes, entre as quais a bibliografia especializada, jornais e fotografias. A pesquisa versa sobre a questão da memória, das lembranças e dos esquecimentos na composição da história do movimento migratório. Realizou-se uma pesquisa sobre o trabalho do imigrante libanês, transcorrendo pela trajetória deste como mascate até o desenvolvimento do estabelecimento comercial e a inserção em alguns setores políticos da sociedade receptora. Também se analisaram os motivos que contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade e, consequentemente, do comércio dos libaneses. A presente pesquisa ressalta também a importância da mulher no processo imigratório, inclusive no trabalho e na manutenção do lar, assim como na tradição do país de origem. Apresenta-se, dessa forma, uma fonte de conhecimento marcada especialmente pela história oral, que permite compreender de forma mais apurada a imigração em São José dos Campos.

Palavras-chave: Libaneses, história oral, imigrantes, mascate, São José dos Campos.

ABSTRACT

The objective of this work is, through the oral history of Lebanese immigrants who immigrated between 1950 and 1970 to Brazil, to analyze the experience of these immigrants in the new land and their forms of insertion in the local culture, in the city of São José dos Campos (São Paulo State), at the region of Vale do Paraíba. Different sources were used, besides oral history: books, newspapers and photographs. The research addresses the issues of memory, remembrance and forgetfulness in the composition of the migratory movement. An important approach about the Lebanese immigrant work was also made, passing by the trajectory from peddler until the development of formal commercial centers and the insertion in some political sectors in the local society. The reasons of the economical development of São José dos Campos were also analyzed in this work. This survey also highlights the importance of the woman in the immigration process, including her role in the labor force and in the household maintenance, as well as the keeping of the tradition of the native country. This work presents, this way, a source of knowledge – based mainly on the oral history and its methodology - that allows a more accurate understanding of the immigration in São José dos Campos.

Keywords: Lebanese, Oral History, Immigrant, Peddler, São José dos Campos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....**8**

CAPÍTULO I: HISTÓRIA VIVA DA IMIGRAÇÃO LIBANESA.....**12**

CAPÍTULO II: DO MASCATE AO ESTABELECIMENTO COMERCIAL.....**46**

CAPÍTULO III: VALE DO PARAÍBA E A FASE SANATORIAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS..... **63**

CAPÍTULO IV: OS LIBANESES EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS..... **78**

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... **99**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... **104**

ANEXO I: DESCRIÇÃO DOS COLABORADORES.....**108**

INTRODUÇÃO

Minha opção acadêmica na escolha do tema tem como objeto de estudo os imigrantes libaneses maronitas[1] que escolheram o Brasil, especificamente a cidade de São José dos Campos, no estado de São Paulo, como a segunda terra natal. Minha ascendência é libanesa e, segundo Thompson (2002), a experiência da imigração fica impregnada durante toda a vida do imigrante, assim como nas gerações de descendentes.

Neste trabalho, pretende-se, por meio de relatos orais dos imigrantes libaneses que chegaram ao Brasil entre 1950 e 1970, dissertar sobre suas experiências na nova terra e sobre suas formas de inserção na sociedade e na cultura local. Anseios e a esperança de uma vida melhor eram o sonho de quem saía de uma terra marcada por conflitos, falta de expectativa de trabalho e planos de um futuro melhor para a família. Na nova terra, buscaram meios de reorganizar e reelaborar suas experiências e valores, assim como suas vidas. Para isso, lançaram mão da memória, para guardar as lembranças da terra natal, e da criatividade, para viver na terra de acolhida, o Brasil.

Pouco pesquisada, a presença de libaneses na cidade de São José dos Campos não foi, até o momento, objeto de estudos sistemáticos. Torna-se, assim, tarefa fundamental tratar dos processos de preservação da identidade cultural libanesa dessa cidade, como expressão da necessidade que todo grupo humano tem de preservar, manter e difundir sua cultura, sua língua, sua religião, seus hábitos, seus costumes e seus modos de vida na sociedade receptora. Tais fenômenos se expressam como um processo de adaptação e preservação, negociação e renegociação, constante, rico e dinâmico, a envolver a matriz cultural que o migrante carrega consigo e a nova realidade com a qual se confronta e na qual se insere.

---

[1] Os maronitas são cristãos vinculados a São Marun e se concentram no norte do Líbano desde o século VII. Reconhecem a autoridade do Papa, o líder da Igreja Católica Apostólica Romana. Nos primeiros séculos da dominação muçulmana na Síria e no Líbano, eles lutaram contra as invasões islâmicas sobre seu território. Ainda hoje, em algumas regiões há conflitos de natureza político-religiosa que opõem maronitas e muçulmanos. O sistema político no Líbano reflete a importância dos maronitas para a histórias do país. O presidente obrigatoriamente deve ser um cristão maronita, ao passo que o primeiro-ministro deve ser um muçulmano sunita e o líder do Parlamento, um muçulmano xiita.

Em consonância com esse objetivo é que a história oral e o uso da fotografia têm constituído metodologias de trabalho instigadoras, sobretudo em projetos de estudo que têm como objeto e fontes grupos sociais atuantes, cuja preocupação não é a busca de dados, da verdade, da informação pura e simples, mas, sim, o sentido, o significado, a opinião, a visão do indivíduo ou do grupo, sobre si mesmos e sobre os outros.

A seleção das fotografias deu-se principalmente durante os relatos dos imigrantes, que muitas vezes as mostravam durante as entrevistas.

Logo, os depoimentos foram acompanhados da coleta do material fotográfico apresentado pelos colaboradores quando falavam sobre os parentes vivos ou já falecidos que deixaram na terral natal e sobre aqueles que se reencontraram no país receptor.

Sendo assim, esse rico material foi aproveitado para fazer parte da análise nesta dissertação. Como afirma Miriam Moreira:

> A fotografia lida com a comunicação aparentemente direta da imagem, para procurar em suas características uma significação que não se expressa diretamente e que, em alguns casos, precisa ser construída pelos elementos de produção e/ou por sua contextualização no momento da leitura. Acrescente-se que as imagens precisam se traduzidas por palavras, tanto para a sua análise como para sua comunicação, o que acrescenta à polissemia da imagem as ambigüidades provocadas pela alteração do código.[2]

Leite (2000) afirma que as fotografias ilustram a análise verbal. Quando bem escolhidas, funcionam como as manchetes de jornais diários: sintetizam ou ampliam o que o texto imprimiu; nesta dissertação, muitas vezes foi esse o caso, as fotografias atuam como manchetes que resumem uma ideia ou descrevem de forma sintética todo um contexto ou uma situação.

As fotografias utilizadas nesta pesquisa retratam cenas de deslocamentos da terra natal para o país receptor e imagens de alguns estabelecimentos comerciais na cidade receptora. Há, ainda, imagens fotográficas de uma imigrante que retornou ao Líbano e que discorre sobre as cidades turísticas com orgulho e saudosismo; são imagens que

---

[2] LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família. Leitura da fotografia histórica.* São Paulo. EDUSP, 2000, p.16

retratam pessoas que deixaram o Líbano com um olhar de esperança e com o sonho de uma vida melhor.

A fotografia atinge a memória pessoal, especialmente quando aparece em um álbum de família. E é importante estabelecer relações entre os relatos orais, as fontes escritas e iconográficas.

Para essa reconstituição histórica, é fundamental o uso da história oral, a voz da testemunha que reconstrói sua identidade num duplo movimento de lembranças e esquecimentos; são rastros de revelação e remanescências de retenção que constituem uma pequena parte da memória coletiva.

O primeiro capítulo da dissertação aborda a importância da história oral, bem como as questões da memória, das lembranças e dos esquecimentos na composição do movimento migratório. Os autores elucidados nesse capítulo são extremamente importantes para um melhor entendimento do tema, entre os quais é possível citar Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Michael Pollak, Samira Osman e, principalmente, José Carlos Sebe Bom Meihy.

Ainda no primeiro capítulo, há menção aos aspectos históricos e geográficos do Líbano, complementados por fotografias e pelo relato oral de uma imigrante que retorna ao país de origem e o retrata com olhar diferente daquele que possuía quando o deixou pela primeira vez.

Entre outras fundamentações teóricas, cabe destacar Sayad, segundo o qual, "(...) os imigrantes aprenderam bastante com a sua história – sua história de imigrantes e sua história mais antiga de antigos colonizados, ou de indivíduos oriundos de países dominados (...) [3]".

No primeiro capítulo, Abdelmalek Sayad, Samira Osman e Oswaldo Truzzi consolidam o contexto teórico sobre os períodos do movimento migratório inseridos na História. Aborda-se, também, a ação que impulsionou a saída dos libaneses para o Brasil após a visita do imperador Dom Pedro II ao Líbano, no final do século XIX. É importante salientar a importância das fotos para demonstrar o sentimento do migrante quando saiu de sua terra natal para fazer riqueza na terra receptora.

O segundo capítulo versa sobre o trabalho do imigrante libanês, transcorrendo desde sua trajetória como mascate até o desenvolvimento de estabelecimentos

[3] SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998, p.63

comerciais fixos e a inserção libanesa em alguns setores econômicos e políticos da sociedade.

Os libaneses lançaram-se no ramo do comércio ambulante, que inicialmente não necessitava de um grande capital, e passaram a ser mascates ou caixeiros, pois perambulavam por cidades e campos levando uma pequena caixa de madeira repleta de objetos destinados à comercialização. A figura do mascate constitui, entretanto, a primeira alternativa econômica dos libaneses fora de sua terra natal, não só no Brasil como também em outros países. Foi uma trajetória permeada por dificuldades, de acordo com relato dos colaboradores apresentados nesta dissertação. Os conterrâneos que já estavam no país ajudavam os que chegavam, principalmente os parentes que tinham condições financeiras.

De mascates, os imigrantes passaram a ser industriais, políticos, médicos, engenheiros e advogados, atuando em diversas áreas.

O terceiro capítulo aborda a localização geográfica e aspectos históricos de São José dos Campos, localizada no Vale do Paraíba. A cidade de São José dos Campos tem, na sua história, dois momentos marcantes: a fase sanatorial, devido aos bons ares da cidade, retratados em inúmeras propagandas (desde o final do século XIX), e a fase industrial, a partir da década de 50.

O quarto e último capítulo refere-se aos libaneses em São José dos Campos, à inserção desses imigrantes a uma cultura pouco conhecida, à importância da mulher no processo imigratório, inclusive no trabalho, à relação familiar e às tradições mantidas nessa cidade.

Refletir sobre questões ligadas à inserção, à interação e à integração dos imigrantes libaneses que se estabeleceram em São José dos Campos é tentar recompor parte da história social do processo de imigração, a buscar caminhos que possam conduzir a diferentes compreensões das vivências da identidade do grupo após sua chegada.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA VIVA DA IMIGRAÇÃO LIBANESA

A fase inicial desta pesquisa caracterizou-se pela localização, seleção e entrevista com libaneses que chegaram ao Brasil entre 1950 e 1970. Foram entrevistados homens e mulheres maronitas originalmente do norte do Líbano.

A partir disso, as redes[4] de entrevistados foram estabelecidas, levando em consideração o critério territorial e suas articulações com a religião. Como instrumento de apoio à entrevista, as fotografias ilustram os relatos contados pelos colaboradores.

Na metodologia, a história oral revelou-se essencial. De acordo com o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, diretor do NEHO, Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da USP, "a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como 'história viva'"[5].

Para Meihy, a história oral "é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do 'tempo presente' e também reconhecida como 'história viva'"[6].

O autor destaca a importância de permitir que a narrativa do colaborador seja marcada pela liberdade e pela fluidez das memórias relatadas:

> A memória individual, apesar de se explicar no contexto social, é aferida por meio de entrevistas nas quais o colaborador tenha ampla liberdade para narrar. É preciso cuidado em relação às interferências presentes nas entrevistas, que podem existir ou não dependendo dos pressupostos estabelecidos no projeto.[7]

---

[4] É importante conceituar a partir de Mehy colônia e rede: "colônia é sempre o grupo amplo da qual a rede é a espécie ou parte menor que possa caber nos limites de um projeto plausível de ser executado. E a rede, como subdivisão da colônia, funciona como indicativo do modo de articular as entrevistas.". MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005, p.177.
[5] Id. ibid. p. 19.
[6] Id. ibid. p.17.
[7] Id. Ibid. 110.

A história oral sugere uma percepção do passado através de sua relação com o presente e que não está acabado, marcando-a como "história viva". A presença do passado no presente imediato das pessoas marca a história oral, assim como, do vínculo com o passado, extrai-se a força para a formação de uma identidade.

A história oral já se constitui como parte do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha de pesquisa que questiona a tradição de forma diferente do conceito usado pela historiografia centrada em documentos oficiais.

> Como arrancar do fundo do oceano das idades um fato puro memorizado? Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da história com a vida cotidiana.[8]

A memória é um suporte para as narrativas de história oral. A memória oral é, para Bosi (2003), "um instrumento precioso para constituir a crônica do cotidiano. A história que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios."[9]

Para Michael Pollak[10], a memória não se refere apenas à vida da pessoa. A memória também sofre flutuações que são a função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. O presente constitui um elemento de estruturação da memória.

Pollak (1992) faz uma análise da memória coletiva, citando Maurice Halbwachs, que enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na coletividade a que pertencemos. Entre eles incluem-se, evidentemente, os monumentos, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, as paisagens, as datas e personagens históricas, as tradições e costumes, as regras de interação, o folclore, a música e as tradições culinárias.

---

[8] BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória*: *Ensaios de Psicologia Social.* São Paulo : Ateliê Editorial, 2003, p 19-20

[9] Id. Ibid. 15

[10] POLLAK, Michael. *Memória e identidade social in* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

> Adoro ouvir Fairuz, Sabah, Wadi el Safi, agora escuto quase todos os dias, mas, quando a minha mãe morreu, demorei para ouvir de novo.
> **Hind Nader Elkhouri**

> Escuto sempre Farid el Atrache, ele é romântico, poético. Eu amo ele, tenho muitos discos e sempre escuto. Ele cantou para a irmã dele: "Por que Deus nos separou?" Ele cantou essa música quando a irmã dele morreu. E é a mesma coisa que eu sinto: Por que Deus me separou dos meus pais? Dos meus irmãos? Agora somos nós dois, eu e o Nazih!
>
> **Nabiha Melhem Elkhouri**

Figura 1- Nabiha Melhem Elkhouri, com a imagem do cantor Farid el Atrache, em foto tirada em sua casa, em setembro de 2010[11].

A princípio, a memória pode parecer ser um fenômeno de cunho pessoal, pois, cada indivíduo possui suas próprias lembranças sobre sua trajetória de vida; no entanto, os trabalhos de Maurice Halbwachs (1998) demonstraram que, talvez, o aspecto mais importante da memória seja o seu caráter social, como um fenômeno que é construído de forma coletiva, sendo, portanto, submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Cada pessoa, ao narrar sua vida, busca na memória os elementos que explicam e dão sentido às suas escolhas. A história oral constitui-se em um caminho interpretativo

[11] A colaboradora pediu para ser fotografada segurando a foto do cantor Farid el Atrache.

diferente da história documental. Esta diferenciação acontece na medida em que a memória, evocada pelas histórias de vida, reflete identidades presentes na vida dos narradores, pois nem sempre os documentos oficiais as revelam.

É possível exemplificar, no caso dos libaneses em São José dos Campos, experiências que são narradas por meio de recordações que fazem parte de uma memória coletiva. Ela justifica sua opção pelo país receptor e afirma uma identidade. Evocar a memória do individuo é entender o seu contexto social. A história de cada um está relacionada social e culturalmente ao meio em que se vive.

Pollak retrata os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, e ressalta inicialmente os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, os acontecimentos que o autor denomina "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer.

Esses acontecimentos “vividos por tabela” unem-se a todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo.

A memória é seletiva, para Pollak (1989), que afirma que

> Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.[12]

Para Meihy (2005), a relação do esquecimento com a memória

> É vital para se entender os resultados propostos pela história oral. Supondo que a história oficial seja feita sempre com base em documentos registrados em alguma lembrança que se quer preservar, a memória equivaleria ao esforço de recuperação de coisas que ficaram fora do enquadramento registrado por escrito.[13]

Para Bosi (2007), as lembranças não escapam das determinações do presente; ao contrário, elas são influenciadas pelo presente, pois mudam, e a mesma lembrança se

---

[12] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio *in Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
[13] MEIHY. Op. cit, p.76.

apresenta de forma diferente conforme o momento. Uma lembrança é uma recriação do passado, uma reaparição. Segundo Bosi,

> Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.[14]

Assim, uma pessoa, ao se lembrar de algo, reconstitui imagens, eventos, sentimentos que foram "experimentados", ela vivencia de modos diversos, antes no passado, agora no presente. Passagens da vida são reconstruídas, representadas a partir de um novo repertório. Essa reconstrução, para Bosi, ganha uma função social que, ao se contrapor a uma maciça presentificação do mundo atual, tem caráter de resistência que é capaz de, junto à "rebeldia da memória", recompor algumas passagens da vida "em seu lugar antigo".[15]

História e memória, tempo, lembrança e esquecimento. Para os gregos, a mais dolorosa experiência é a do esquecimento. O heroi grego, dotado de beleza e coragem, morre a "bela morte" e torna, pelo ato nobre, a sua memória sempre viva. A morte em combate transforma-se em glória imperecível. O heroi grego enfrenta a morte sem angústia, pois a rememoração sem limite o torna imortal.[16]

Assim, registros guardados nas memórias e nas gavetas afluem, não como verdade histórica, mas como uma versão organizada sobre determinada questão, atribuindo uma dinâmica própria a cada questão pesquisada.

A partir de relatos orais, constituídos pelo diálogo com outras fontes, como jornais de época e fotografias, foi possível uma reconstrução conjunta da história vivida por parte dos imigrantes libaneses que ainda residem em São José dos Campos.

Nesse caso, o ato de rememorar traz à tona uma orientação por meio dos tempos e acontecimentos, abrindo através do dito e do não-dito passagens para interpretações

---

[14] BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 81.

[15] Idem, p.452.

[16] ALMEIDA, Paul Edman. O tempo, a política e a memória imperecível de São José dos Campos *in Câmara Municipal de São José dos Campos: cidade e poder.* São José dos Campos- UNIVAP, 2009, p.15

profícuas porque, de certo modo, dão valor mais subjetivo aos fatos ocorridos do que a memória oficial.

As lembranças compuseram a imagem que permitiu transformar em informações presentes situações passadas das quais o grupo não tem registros, permanecendo guardadas nas memórias que, reavivadas, originaram a representação de um espaço que se constituiu no elo entre grupos pioneiros de imigrantes libaneses e logo vieram fixar-se no país, constituindo família e organizando a vida para a sobrevivência.

Em *O tempo vivo da memória* (2003), uma importante questão é posta, acompanhada de sua resposta: "O movimento da recuperação da memória nas ciências humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda com a necessidade de enraizamento? Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade".[17]

Com isso, revela-se a ligação entre memória e identidade, que necessita da narração para ser evidenciada e compreendida. O ato de rememorar é traduzido em palavras na narrativa. Por meio dela, outras pessoas - ou mesmo o próprio narrador - tomam consciência de suas vidas, de suas experiências. Ao descobrir-se quem é, revela-se uma identidade. A memória traduzida em palavras transmite uma experiência vivida e explica o comportamento do presente.

> ... como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria (...). Certos aspectos do estudo da memória, no interior de qualquer uma destas ciências, podem evocar, de forma metafórica ou de forma concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social.[18]

Encontra-se em Thompson (1992) um argumento afirmando que um projeto de história oral pode ser realizado em qualquer parte, sendo certamente viável por todo o país onde um sem-número de temas pode ser estudado localmente, uma vez que a história oral traz "a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da

---

[17]BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
[18] LE GOFF, Jaques. *História e memória.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996, p. 423.

comunidade". Em suma, ao ser construída em torno de pessoas, ela amplia seu campo de ação ao lançar a "vida para dentro da própria história"[19].

Há também o esquecimento e o silêncio que podem advir de lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas. Neste caso, ficam cuidadosamente guardadas nas zonas dos silêncios, dos não-ditos. De acordo com Pollak (1989),

> há uma função do não-dito que se estabelece entre o "dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável" e que separa uma memória coletiva subterrânea de uma memória coletiva organizada, tradutora da imagem que se deseja projetar.[20]

A emergência das lembranças decorre de determinadas circunstâncias, algumas vezes favoráveis, outras não. Por conta disso, o fato de existir uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. Para Pollak (1989), "essas constatações são aplicáveis a todas as formas de memórias, sejam elas individuais ou coletivas, familiares, nacionais ou de pequenos grupos." [21]

Osman (2007), em seu artigo "Imigração e o Tema Movedor", retrata que, para os estudos sobre o movimento migratório, o uso da história oral se faz importante, levando em consideração as histórias de vida e a valorização da experiência e da subjetividade.

A subjetividade, a emoção, a paixão, as fantasias, as visões, a seleção de fatos e como se relacionam, os critérios, os valores, as escolhas, o dito e o não-dito, as impressões, o lembrado, o esquecido e a elaboração da experiência individual dentro de um contexto coletivo são conteúdos fundamentais de histórias de vida ligadas à imigração.

Sobre a valorização da experiência, destacam-se Walter Benjamin e Edward Thompson. Benjamin coloca a importância da experiência para a constituição de um narrador: "o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes".[22]

---

[19] THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 28.
[20] POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
[21] POLLAK, op. cit. p. 15.
[22] THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981. p. 201

Essa experiência, para Benjamin, circunscreve-se ao viver, ao trabalho. Experimentar é viver no corpo e na alma e nessa medida:

> A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.)[23]

Thompson apresentou a experiência humana como mediação necessária entre o ser social e a consciência social, numa perspectiva cultural. Para ele, "é a experiência que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento."[24] As pessoas não vivenciam apenas idéias no âmbito do pensamento e de seus procedimentos. Lidam com sua experiência como sentimento e "lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas".[25]

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como se fosse um objeto, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÍBANO

A História conta que cerca de 3000 anos antes de Cristo, os primeiros habitantes do Líbano foram os cananitas e povos que falavam aramaico. Desses habitantes, resultaram os fenícios. Rodeados pelo mar e montanha, os fenícios tornaram-se navegadores, colonizadores e comerciantes em terras de além-mar.[26]

Por sua posição geográfica, entre os territórios que se tornariam os centros de poderosos impérios, a Fenícia, atual Líbano, foi conquistada por outras nações, por outros povos.

---

[23] Idem, p. 221.
[24] Idem, p.112.
[25] Idem, p. 189-190.
[26] JACOB, Maria Regina;MURAD, José Felício Goussain. *Líbano: O encontro do Ocidente com o Oriente.* São José dos Campos: Univap, 1994, p.157-158.

A identidade libanesa foi construída a partir do legado deixado pelos povos que viveram em seu território. O Líbano esteve sob domínio de assírios, egípcios, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, mamelucos, otomanos e franceses. Apesar da grande diversidade cultural que os libaneses assimilaram de outros povos, houve mortes, destruição, desemprego e falta de perspectiva, o que levou muitos emigrantes a procurarem outras terras com promessas de possibilidades de crescimento.

O Líbano é um dos menores países do mundo e seu território limita-se com a Síria, com Israel e com o Mar Mediterrâneo. Em fenício, Líbano significa branco. Esse nome faz alusão à neve que cobre os cumes das montanhas que caracterizam o Líbano, como o Nilo caracteriza o Egito.

O Líbano possui muitos cedros. São monumentos naturais, símbolos do país. O cedro foi escolhido como emblema da bandeira libanesa por simbolizar força e imortalidade. Essa árvore possui várias espécies. A mais conhecida é o Cedro do Líbano, que é a espécie mais velha e que pode viver centenas de anos. A religião, a poesia e a história igualmente os consagraram. "São seres divinos sob forma de árvores", afirmou Lamartine, poeta francês do século XIX[27].

O texto da proclamação do Grande Líbano como Estado Independente em 1920 afirma que

> "Um cedro sempre verde é um povo sempre jovem, apesar de um passado cruel. Embora tenha sido oprimido, jamais conquistado. O cedro é o seu sinal de união. E pela união, pode enfrentar a todos os ataques."

[27] Embaixada do Líbano: www.libano.org.br, acessado em 23/11/2010

Figura 2 - Fonte: http://www.libano.org.br, acessado em 23/11/2010

O país possui, geograficamente, quatro regiões distintas: planície costeira; uma cadeia de montanhas – Monte Líbano; planalto central- Vale do Bekaa; outra cadeia de montanha- Anti–Líbano.

Na planície costeira situam-se as principais cidades: Beirute, a capital do país, Trípoli, Sidon e Tiro. A única exceção é Zahle, que se localiza no localiza no Vale do Bekka.

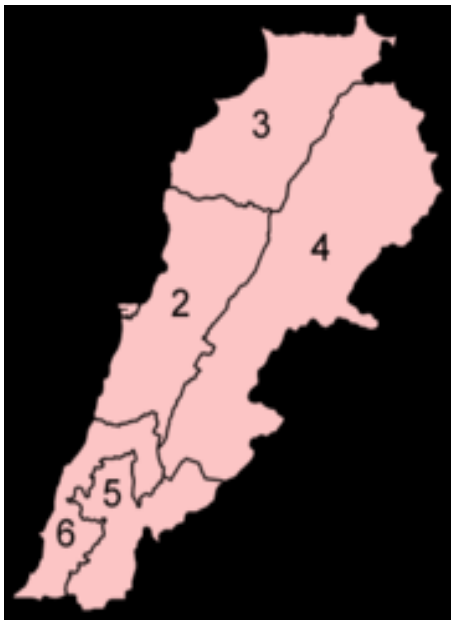


Figura 3 - Fonte: http://www.libanovivo.org/o-libano acessado em 23/11/2010

O Líbano é dividido em seis províncias[28], entre as quais se encontra Beirute, a menor de todas em extensão e que tem como capital a própria cidade de Beirute. É a mais populosa e a mais industrializada de todo o país.

As seis províncias, retratadas no mapa acima, e as respectivas capitais são:

1.Beirute: Beirute

2.Monte Líbano: Baabda (centro do governo)

3. Líbano Setentrional ou Líbano Norte: Tripoli

4. Bekaa: Zahleé

5. Nabatieh: Nabatieh

6. Líbano Meridional ou Líbano Sul: Sidon

O Monte Líbano pode ser considerado o início da formação do Líbano geográfico e histórico, pois foi nessa região que se deu a concentração de cristãos e drusos em busca de segurança para estabelecer suas comunidades e professar suas religiões. Integrada ao Império Otomano em 1516, a região obteve certa autonomia e privilégios administrativos, na condição de Emirado Libanês e a partir da divisão em duas zonas controladas por cada uma das comunidades religiosas e famílias locais.

Segundo Kamal Salibi (1988), "o Líbano atual como entidade política começou a se formar nos séculos XVII e XVIII e chegou a sua plenitude na época de Mustassarifat (1861- 1918), graças aos Maronitas, profundamente ligados a sua terra de origem."[29]

Disputas entre esses grupos religiosos pelo controle político e econômico da região deram a oportunidade para o governo otomano extinguir o Emirado, impor o seu poder, reprimir a oposição e provocar migrações internas dos maronitas do norte do Líbano para o sul, alcançando Bekaa, e externamente, o Egito e a América.

---

[28] Em árabe são chamados de muhafazat

[29] SALIBI, Kamal, Histoire du Liban XVIIème sièle à nos jours, Paris 1988, p. 11-12 apud EDDÉ, Emile, *O Líbano através dos séculos.* Tomo II, Rio de Janeiro, 2001, p. 26

Os interesses europeus na região foram significativos. Os otomanos cederam às pressões da França e da Inglaterra para elaborar uma nova reorganização política no Monte Líbano. No dia 9 de junho de 1861 foi elaborado o Protocolo de 1861, que estabeleceu o regime da Mutassaryfiat, o qual reconheceu a autonomia administrativa do Monte Líbano.

Essa região passou a ter uma administração otomana direta, confiada a um funcionário cristão estrangeiro à região vigiada por uma guarda local otomana para manter a ordem e a ligação com o império.

A partir desse momento, o termo Líbano passou a ser usado oficialmente, reconhecido internacionalmente, a um território que possuía caráter administrativo particular. A presença francesa tornou-se cada vez mais consolidada por meio de investimentos econômicos que modernizariam o país, como energia elétrica, porto, rodovias que criaram uma burguesia urbana local de origem cristã, indústrias e comércio.

Houve investimentos no setor cultural, com a criação de escolas confessionais e universidades, além de impressão de jornais e livros. Foi um marco no renascimento cultural árabe. Em 1875, fundou-se a universidade francesa Saint Joseph, dos padres jesuítas, em Beirute, e em 1966 foi fundada a Universidade Americana de Beirute.

O fim da Primeira Guerra Mundial e o declínio do Império Otomano levaram as províncias árabes subjugadas a se aliarem a ingleses e franceses. Em 1920, o Líbano foi colocado sob mandato francês.

Foram anexadas ao pequeno Líbano as regiões costeiras do norte de Trípoli, ao sul de Tiro, o Aakkar e o Bekaa.

O Líbano permaneceu sob mandato francês durante o período de 1920 a 1943. Em 1926, o Grande Líbano transformou-se em República Libanesa depois de ter estabelecido e promulgado democraticamente uma Constituição, adotando o regime parlamentar, representando proporcionalmente as comunidades religiosas dentro das funções públicas e dos diferentes conselhos.

No dia 22 de novembro de 1943, o Líbano obteve efetivamente a sua independência. O Líbano tornou-se um país árabe, com os cristãos aceitando o fim da tutela estrangeira e os muçulmanos reconhecendo a soberania libanesa. Em 1945 o Líbano teve reconhecimento do mundo árabe, como membro fundador da Liga Árabe e também em 1945, com a criação da ONU, obteve o reconhecimento internacional.

A história do Líbano depois de sua independência pode ser divida, para efeito didático, em três períodos principais: de 1943 a 1975, com a edificação do Estado e disputa do poder; de 1975 a 1991, período das guerras; e a partir de 1991, reconstrução do país.

Politicamente, o período entre 1943 e 1975 foi marcado pela divisão entre os muçulmanos e os cristãos. O presidente da república obrigatoriamente deve ser um cristão maronita; o primeiro ministro, sunita; o presidente do parlamento, xiita.

Com o objetivo de falar sobre o Líbano, a colaboradora Hind Nader Elkhouri apresentou alguns pontos e cidades turísticas do país. A sensação do reencontro com parentes, a emoção no relato oral e nas imagens que a colaboradora tirou ao retornar ao Líbano em 2009 foram emoções que estavam afloradas no depoimento da colaboradora. Quando questionada se gostaria de voltar a morar em sua terra natal, apesar dos elogios, ao comparar com sua vida no Brasil, prontamente respondeu:

> Voltei para o Líbano duas vezes para passear, uma vez fui com a minha cunhada em 2007, mas a segunda vez voltei com o meu irmão em 2009... foi muito emocionante, vimos a casa que moramos, vimos a nossa tia, os primos. Foi uma visita emocionante. Não consigo mais morar lá, o Líbano é ótimo para passear, mas para morar é muito tranquilo, já acostumei com a agitação do Brasil. Não foi fácil voltar para o Líbano sem ter conquistado riqueza. Os meus primos disseram que eu não deveria ter saído do Líbano, que se eu tivesse ficado hoje eu seria rica. Mas, quem sabe? Só Deus! Eu não me arrependo de ter saído do meu país, apesar de tudo.... Gosto muito do Brasil. Terra dos meus filhos e netos. Hoje eu sou libanesa e brasileira. **Hind Nader Elkhouri**

A colaboradora insistiu em apresentar os lugares que visitou pela primeira vez. Como antigamente sua mãe trabalhava na lavoura com fim de auto-suficiência, não tinha condições financeiras de oferecer passeios aos filhos. Por esse motivo, somente passeou pelo próprio país quando retornou com parentes.

> Quando eu era criança e adolescente, nós não tínhamos dinheiro para passear e conhecer as cidades do Líbano. E as mulheres naquele tempo não saíam sozinhas. A minha mãe trabalhava na lavoura, ninguém saía. Só conheci o Cedro, porque fui com as freiras do colégio. Os outros lugares que fotografei somente conheci no meu retorno, principalmente em 2009, quando voltei com o meu irmão. Conhecer o meu próprio país era um sonho! **Hind Nader Elkhouri**

Figura 4

> O Vale Santo é o caminho para chegar à Igreja de Santo Antonio. É uma Igreja cravada nas pedras da montanha. Um lugar importante, pois servia de esconderijo aos monges, durante a dominação otomana.
> **Hind Nader Elkhouri**

Figura 5

Essa foto representa as cidades de Ehden, Aintourine e Shir. A cidade de Aintourine é do meu marido. É um vilarejo, muito pequeno. A minha cidade é Kobayat, é maior que Aintourine. A cidade de Shir fica na descida que vai para o Vale Santo. São cidades pequenas, consideradas aldeias, que tinham a lavoura como economia.
Hind Nader Elkhouri

Figura 6

Essa placa é na entrada da casa do Santo Charbel. É um santo que faz muitos milagres. Ele salvou a minha filha quando ela era criança. Ela tinha infecção no sangue. Coloquei óleo na testa dela e ela dormiu. Quando acordou não tinha mais febre, levei no médico, e ele ficou surpreso. Não tinha mais infecção. Foi milagre de Santo Charbel. Eu comprei o óleo do Santo para levar ao Brasil.
Hind Nader Elkhouri

Figura 7

Esta Igreja é de Sant Marc é do apóstolo Marcos, que foi apóstolo de Jesus.
Hind Nader Elkhouri

Figura 8

Essa foto é de uma Mesquita, fica em Beirute, capital do Líbano. Em Sã José dos Campos, tem somente uma Mesquita, chamada Al Huda, é bem menor. Não tem muito muçulmano libanês em São José.
Hind Nader Elkhouri

Figura 9

Eu tirei uma foto do Jornal Al Nahar, essa foto foi em homenagem para o meu marido que lê as notícias do Líbano pela internet.
Hind Nader Elkhouri

Figura 10

Essa cidade é de Saida, sul do Líbano. Nessa região tem mais muçulmano do que cristão. Também em Saida, encontrei as tamareiras, é uma cidade que fica perto da praia.
Hind Nader Elkhouri

Figura 11

Esse lugar é o Vale do Bekaa, também tem mais muçulmano. É um lugar muito quente, tem plantação de verduras e legumes.
Hind Nader Elkhouri

Figura 12

Esse lugar é Baalbeck, que existe a 3000 anos de Cristo, na época dos fenícios. É considerada a Cidade do Sol porque o sol demora em se pôr. É um lugar lindo!
Hind Nader Elkhouri

Baalbeck, antiga cidade da Fenícia, no vale do Bekaa, tornou-se colônia romana sob mandato de Augusto. Considerada acrópole da cidade, conserva importantes vestígios romanos.

Figura 13

Esse momento mexeu no fundo da alma. Todas as lembranças da nossa infância voltaram. É a casa em que nascemos e vivemos antes de sair do Líbano. Meu Deus, voltar junto com o meu irmão depois de 43 anos e ver a casa foi maravilhoso. Dá para perceber nos nossos rostos a emoção, né? A casa é feita de pedra sem cimento, as paredes são grossas e na época da invasão dos turcos minha vó, mãe do meu pai, escondia comida para não roubarem. Hoje a casa é tombada, faz parte da história. O meu primo mora nela, e não pode mexer em nada, não pode mudar a estrutura dela se não paga multa.
Hind Nader Elkhouri

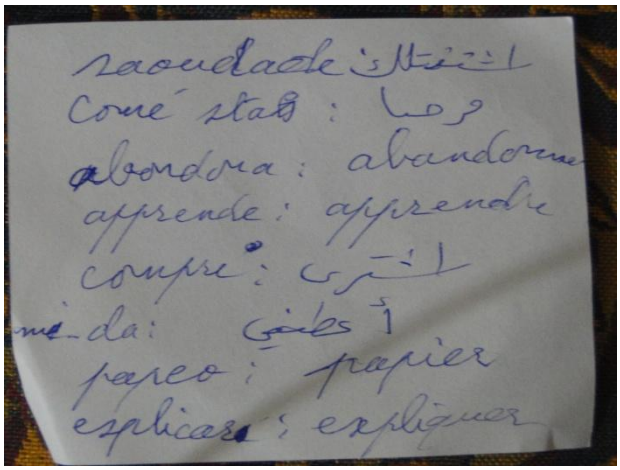


Figura 14

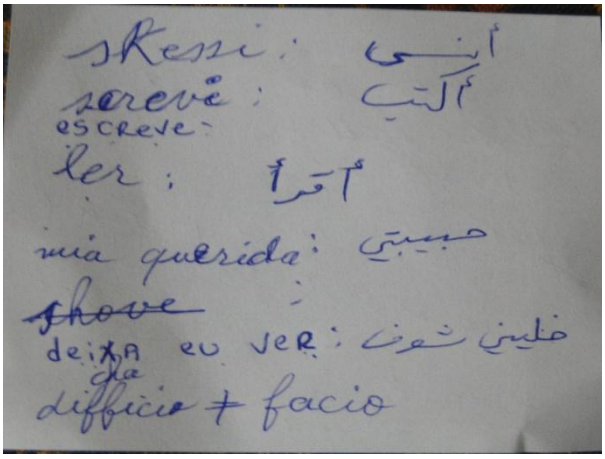


Figura 15

Papeis com vocabulário em português e a respectiva tradução em árabe ou em francês, utilizado por parentes dos colaboradores para ensinar-lhes a língua portuguesa.

Figura 16

No restaurante o homem estava tirando arak[30].

Hind Nader Elkhouri

Figura 17

Essa foto mostra outro fato curioso, é o Castelo de Moussa que fica em Deir El Qamar diz a história que um aluno foi chamado de burro pelo seu professor e par provar que ele não é burro construiu esse castelo. Cada parte do castelo conta um pouco da história do Líbano.
Hind Nader Elkhouri

[30] Bebida destilada feita à base de uva com aroma de anis.

> Muita coisa mudou no Líbano, eu não conhecia as cidades turísticas, para mim foi novidade. O namoro também mudou, as mulheres estão mais liberais, mas continua diferente do Brasil, aqui no Brasil o namoro é mais liberal. O trânsito no Líbano não é organizado, isso, achei estranho, porque em São José dos Campos é certinho. Mas, no Líbano não tem violência como no Brasil, o meu primo deixou a televisão no quintal, as portas abertas e ninguém mexeu, diferente, né?
> Eu me senti estrangeira no Líbano em alguns momentos, pois esqueci um pouco do árabe, os meus primos davam risada dizendo que eu estava com sotaque. E também sinto ser estrangeira no Brasil, todos falam que eu tenho sotaque, às vezes falo português errado. Então, sou estrangeira no Líbano, e no Brasil.
> Voltar a morar no Líbano, não! Como eu já disse agora tenho tudo aqui no Brasil, trabalho, filhos, netos. Mas, sempre que puder voltarei a visitar a minha terra. **Hind Nader Elkhouri**

Percebe-se que, durante a exposição da colaboradora, há poucos comentários sobre aspectos políticos. São marcantes em sua fala aspectos ligados a uma terra idealizada como maravilhosa, uma presença religiosa muito forte marcada por alguns fatos históricos importantes, e há pouca menção sobre os problemas internos, guerras e desigualdades sociais.

Para Sayad (1998) , "os imigrantes aprenderam bastante com a sua história- sua história de imigrantes e sua história mais antiga de antigos colonizados, ou de indivíduos oriundos de países dominados(...)"[31]. E Sayad (1998) aponta que, mesmo voltando do país receptor, os emigrantes continuam a se comportar como "convidados em sua própria casa" ou como donos de sua própria terra para novamente partir, cedo ou tarde.

DO EMIGRANTE AO IMIGRANTE

O ser humano fixou-se em localidades específicas no momento em que sentiu haver conquistado condições seguras para explorar o meio ambiente circundante e, a partir de então, passou a organizar permanentemente estratégias, tanto de sobrevivência quanto de defesa.

[31] SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998, p.63

Essa conquista, porém, não determinou o fim dos movimentos migratórios humanos; seja em grupo, seja individualmente, os seres humanos continuam a se deslocar em ondas migratórias constantes, principalmente por questões políticas e econômicas. Motivados por fatores internos e externos, chegam ou partem os migrantes. De acordo com Scott (1994), as migrações e os deslocamentos populacionais compõem "um objeto de estudo de fundamental importância para a nossa história porque estes movimentos foram responsáveis pelo povoamento e ocupação do território brasileiro".[32]

Dessa forma, a migração não é um fenômeno atual; desde os tempos primitivos o homem se desloca em busca de uma vida melhor. Esse fenômeno, no entanto, é constantemente renovado. "Em cada momento histórico, as condições que levam o indivíduo a deixar um lugar por outro são diferentes, relacionadas ao desenvolvimento de cada sociedade. Por isso, diz-se que a migração é um fenômeno histórico e social."[33] De acordo com Espinola (2005), as migrações não são lineares, variam de acordo com as conjunturas políticas, econômicas e sociais.

A concepção básica de imigração é a experiência do deslocamento, da mudança entre dois lugares (origem/destino). Esse deslocamento não se limita à transposição de um espaço físico a outro e, como afirma Sayad, "o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente..."[34].

A imigração pode ser considerada como um dos processos mais completos de construção cultural em uma sociedade, e o Brasil recebeu e continua recebendo grande variedade de grupos étnicos, principalmente a partir do século XIX, que fazem parte de sua formação. Para Sayad (1998) esse fenômeno é também um espaço qualificado em muitos sentidos: social, econômica, política e culturalmente, que favorecem a mobilidade demográfica entre o país de origem e o de destino. De fato, o imigrante só existe em uma sociedade a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa em seu território; o imigrante "nasce" nesse dia para a sociedade que assim o designa.

---

[32] SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Migração e família no Vale do Paraíba (séculos XVIII e XIX*). São José dos Campos: Univap, 1994, p.33.
[33] SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil.* São Paulo, Ed. Scipione, 1994, pág.6.
[34] SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998, p.15.

Sobre as migrações internacionais, Espinola (2005) em sua tese de doutorado[35], apresenta sua definição análise a partir do conceito de Castles e Muller (1973), que dividem-se em três etapas de acordo com a época histórica: migrações pré-modernas, modernas e contemporâneas.

As migrações pré-modernas (anteriores a 1850) caracterizam-se pelo predomínio das conquistas e invasões, movimentos colonizadores. Como exemplos, é possível mencionar as expansões das civilizações gregas, romanas e egípcias; as expansões religiosas: disseminação do Islã e Cruzadas; as colonizações da Europa para a América e Oceania e o tráfico de escravos.

As migrações modernas são as produzidas entre 1850 e a grande crise econômica de 1873, momento em que as migrações sofrem transformações importantes, principalmente no que se refere à extensão das redes migratórias no panorama internacional, destacando-se a etapa de industrialização ocidental e sua consolidação.

Durante a industrialização do Ocidente, há certa diversificação dos tipos migratórios: os que se dirigem da Europa para as colônias do Novo Mundo, os que se dirigem dos países europeus mais pobres para os mais ricos etc. Os Estados Unidos, a Grã- Bretanha, a Alemanha e a França passam a receber imigrantes.

No período de consolidação ocidental (1945-1973), desaparecem os movimentos como os de trabalhadores asiáticos recrutados forçosamente para as colônias européias no Novo Mundo, reduz-se a emigração européia para os Estados Unidos e aparecem novas redes de médio alcance como as na América do Sul, África e Oriente Médio, incorporando novos países como emissores e receptores. A novidade nesse período é a incorporação de países do Terceiro Mundo às redes migratórias internacionais, de forma voluntária, sendo também receptores de importantes fluxos migratórios. Esse período também se destaca pelas migrações de refugiados.[36]

---

[35] ESPINOLA, Claudia Voigt. *O véu que (des)cobre: etnografia da comunidade árabe em Florianópolis, Santa Catarina*, Tese, Santa Catarina, 2005, p. 27.

[36] No início do século XX, o fracionamento dos impérios e o nacionalismo violento obrigaram gregos e turcos a regressar a seus locais de origem. Mais tarde, devido à Segunda Guerra Mundial, milhões de europeus foram recolocados. O número de refugiados aumentou, principalmente entre os palestinos.

A última etapa citada pelos especialistas diz respeito às migrações contemporâneas que correspondem, desde 1973, ao momento em que o número da população migrante no mundo não deixou de aumentar no decorrer das décadas, premissa justificada pela ampliação das redes migratórias na Europa, Estados Unidos e Austrália que continuam consolidando sua posição de regiões receptoras de migração internacional. O Oriente Médio consolida-se como receptor dos países vizinhos, e na África aumentam as redes internas, e a diversificação dos tipos migratórios, como migrações de trabalho. As políticas de controle de imigração e as políticas de integração dos estrangeiros facilitam a reunificação familiar, possibilitando uma união entre o trabalhador e sua família.

Segundo Khatlab (2002) o movimento migratório libanês foi provocado por períodos de opressão, guerras civis, massacres, problemas econômicos, demográficos e políticos, por divergências religiosas e pela abertura do Canal de Suez, que afetou as pequenas indústrias, levando os camponeses e intelectuais a emigrarem para outras terras. Dessa forma, a partir das últimas duas décadas do século XIX, começou a Grande Emigração.

O grande êxodo libanês ocorreu a partir dos eventos de 1860[37], fazendo com que muitos sobreviventes fugissem para os países árabes vizinhos a princípio, para a África, Extremo Oriente, Europa e para a Amrik[38]. Na América do Sul a grande emigração começou a partir de 1880, quatro anos depois da visita do Imperador D. Pedro II ao Líbano em 1876.

"Admirador da cultura material e imaterial árabe, D. Pedro II – que aprendeu a ler e escrever árabe - esteve duas vezes na região: em 1871, visitou o Egito; em 1876, o Líbano, a Palestina e a Síria", afirma o pesquisador Paulo Daniel Farah em sua obra *Presença Árabe na América do Sul*[39].

---

[37] Massacre dos Cristãos do Chouf, de Zahle e Damasco.
[38] Pronúncia árabe de América.
[39] FARAH, Paulo Daniel. Elias. "Árabes e descendentes no Brasil: das primeiras presenças no país à renovação cultural na América do Sul" in *Presença Árabe na América do Sul.* São Paulo: BibliASPA, 2010, p. 48.

> "De Beirute, para onde levou sua esposa, Dona Tereza Christina Maria, e uma comitiva de cerca de 200 pessoas, D. Pedro II escreveu ao diplomata francês Joseph Gobineau, que estava em Atenas: 'A partir de hoje, começa um mundo novo. O Líbano ergue-se diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa sentinela da Terra Santa'. Em 1876, D. Pedro II visitou o Colégio Protestante Sírio (fundado em 1866, tornou-se mais tarde a Universidade Americana de Beirute), o Colégio Francês dos Jesuítas (fundado em 1875, posteriormente tornou-se a Universidade Americana de Beirute) e encontrou-se com diversos intelectuais vinculados às ciências e às artes, entre os quais o gramático Ibrahim al Yazigi, que lhe ofereceu livros em árabe; D. Pedro II estudara com um arabista alemão."[40]

Em seus encontros, o imperador externou o desejo de ver maior número de libaneses no Brasil. De acordo com Farah (2010), a visita do Imperador incentivou decisivamente o movimento migratório.

A imigração estrangeira para o Brasil cresce a partir das décadas de 1870 e 1880 e se estende até meados do século XX. A política de imigração do governo imperial pode ser resumida em três momentos. Primeiro, até a primeira metade do século XIX, o interesse do governo em promover a imigração é embrionário. Segundo, após as constantes pressões contra a escravidão impostas pela Inglaterra, o governo passa a usar a mão–de-obra do imigrante na grande lavoura. Terceiro, o período do final do século XIX é caracterizado pela imigração subvencionada, de modo que o governo busca levar ao Brasil o maior número de imigrantes que substituiriam os escravos na lavoura.

Segundo Osman (1998), a partir da segunda metade do século XIX:

> O processo emigratório se espalhou pelo Líbano, provocado pelos mais diferentes fatores: perseguição política, religiosa, falta de emprego, crise econômica, desejo de buscar novas oportunidades. Para Abdulkarim, "a emigração no Líbano é uma prática ancestral".[41]

---

40 FARAH, Paulo Daniel. Elias. "Árabes e descendentes no Brasil: das primeiras presenças no país à renovação cultural na América do Sul" in *Presença Árabe na América do Sul*. São Paulo: BibliASPA, 2010, p. 59.

[41] ABDULKARIM, Amir. *La diáspora Libanaise em France*..op. cit., p.15 apud OSMAN, Samira Adel., tese volume I, São Paulo, 2006, p. 43.

Ao lado deste movimento amplo que os imigrantes libaneses realizaram, para Osman (1998), destacam-se dois momentos ocasionados por diferentes fatores que envolvem cada uma das duas etapas relacionadas a diferentes crenças religiosas. "A primeira, pela vinda de cristãos que imigraram entre 1860 e 1938, e a que se inicia ao final da II Guerra Mundial e estende-se até a década de 1980, continuando pelos anos de 1990 com menor proporção e que envolve os mulçumanos."[42]

Osman (1999) explica que a primeira etapa da migração ter sido composta de maioria cristã, pois:

> teve o peso das discórdias entre cristãos e muçulmanos, mas pode-se argumentar, segundo o autor, que os cristãos eram em maior número. A religião determinou o destino dos emigrantes, no sentido em que os muçulmanos acreditaram que teriam mais dificuldades de seguir seus preceitos em terras distantes onde seriam minorias. Esta razão explica o fato de a maior parte dos muçulmanos preferir o Egito e outros países africanos, enquanto cristãos procuraram a América antes da Segunda Guerra Mundial.[43]

O movimento emigratório, de acordo com Hourani e Abdulkarim[44], deve ser entendido como resultado decorrente de circunstâncias históricas locais e regionais, aliados aos acontecimentos exteriores e, pode ser dividido em seis principais períodos.

O primeiro período (1860 a 1900) ocorreu em direção aos países vizinhos do Oriente Médio e do norte da África, expandindo-se para a América e para a Austrália. O início do movimento foi decorrente dos conflitos entre maronitas e drusos, provocados pela alta taxa populacional e pela exiguidade de terras disponíveis para atender às necessidades econômicas de cada grupo. Segundo Khatlab (2002), nos povoados do Líbano, fermentava cada vez mais a ideia da emigração devido às várias invasões. Muitos viajavam clandestinamente nos porões dos navios para não serem descobertos pelas autoridades turcas. As condições de viagem eram desumanas. No mesmo navio,

---

[42] OSMAN, Samira Adel. Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) .

[43] OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, set./dez. 1999 p. 17-23.

[44] HOURANI, Albert e SHEHADI, Nadim. The Lebanese in the word: a century of emigration. London: The Centre for Lebanese Studies e IB Tauris & Co Ltd. Publishers, 1992 apud OSMAN, Samira Adel., tese volume I, p. 43.

podiam-se encontrar árabes de origens distintas. O agricultor sem terra, o comerciante, o artesão, o estudante, o cristão, o muçulmano, todos com o passaporte turco-otomano, não recebiam nenhuma proteção do Estado. No navio em meio ao Mar Mediterrâneo, muitos emigrantes aproveitavam paradas na Europa e permaneciam na Itália, França ou na Inglaterra. E outros decidiam esperar um navio que os levassem para a América.

> Pelo que eu fiquei sabendo, o meu bisavô Antoun Romeno desceu no Porto do Rio de Janeiro, por volta de 1881, com mais dois libaneses, Daud Moria e Youssef Antoun Khouri. Cada um comprou um baú, encheu ele de miudeza e carregaram nas costas e passavam de cidade em cidade de trem até chegarem em São José dos Campos e pararam. Dizem que eles vieram andando do Rio de Janeiro até aqui, mas não acredito, eles vieram de trem. O meu bisavô adorou o clima de São José e conseguiu vender bem aqui, por isso acabou ficando nesta cidade. **Youssef Melhem Elkhouri**

O colaborador justifica a permanência em São José dos Campos com base no clima e nas condições propícias ao comércio. Desde 1890, São José dos Campos tinha fama de cidade que possuía bom clima;a cidade já era conhecida como a cidade dos bons ares.

O segundo período (1900 a 1914) caracterizou-se pelo direcionamento dos emigrantes para os Estados Unidos e para o Brasil. Coincidindo com a presença do Império Turco-Otomano na região, essa fase foi marcada pela saída de intelectuais e de uma classe social mais abastada, como médicos, professores, poetas, escritores, para se contrapor à presença otomana, assim como para evitar o alistamento militar. A presença turca se intensificou nesse período.

Ser chamado de turco provocava reações de profunda indignação, não poderia haver insulto maior. Com passaportes expedidos pelo Império Otomano, estes imigrantes foram equivocadamente considerados “turcos” até o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, quando o Império Turco Otomano, derrotado, perdeu a maior parte dos territórios sob seu domínio, inclusive os da Síria e os do Líbano. Por desconhecimento dessa história e dessa geografia, essas generalizações continuam

compondo nosso cotidiano; no entanto, as reações se amainaram ancoradas no tempo, que se encarregou de neutralizá-las.[45]

> Tem um vizinho que fala que esse quarteirão é do turco. Eu fico bravo, falo que não sou turco, sou libanês. **Emile Antoun Reaiche**

No terceiro período (1920-1943), durante o mandato francês, os emigrantes partiram para a América do Sul e para as colônias francesas e inglesas da África do Norte. Nas duas primeiras fases do processo emigratório a saída dos cristãos foi mais notada. Nesse período cresceu a saída de muçulmanos, sobretudo provenientes da região do Vale de Bekaa e do sul do Líbano. Os motivos da saída podem ser identificados como decorrentes da pobreza dessas áreas rurais e da falta de perspectiva econômica na região.

> Depois meu tio Badue Khouri veio com a mulher dele, Josephina, em 1922. Em 1929 veio o meu tio Fuad com a tia Maheb com o filho no colo, Mauricio. E o meu pai, Melhem, veio em 1949. Eles queriam tentar uma vida melhor e o meu bisavô deixou terras aqui. Apesar de ninguém conseguir as terras. **Youssef Melhem Elkhouri**

O quarto período (1943- 1975) foi marcado pelos contextos de independência do Líbano e pela Segunda Guerra Mundial. As dificuldades financeiras e a falta de oportunidade profissional, principalmente na região do Bekaa, marcada pela pobreza e pelo baixo desenvolvimento econômico, provocavam a saída da população majoritariamente muçulmana. Enquanto Beirute, cidades litorâneas e Monte Líbano, habitadas pelos cristãos, ofereciam melhores condições econômicas. A partir de 1960, a região do Golfo passou a ser uma alternativa, além da África do Norte, da Austrália e da América, pelo desenvolvimento econômico nestas regiões.

---

[45] FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1994.

> Antes do meu pai sair do Líbano, os amigos e parentes fizeram uma festa de despedida. Eles estavam dançando dabke[46]. Meu pai adorava dabke. Ele chegou ao Brasil em 1949. O meu pai está ao lado do homem de chapéu branco, ele está usando botas. **Nabiha Melhem Elkhouri**

Figura 19 - Foto do acervo de Nabiha Melhem Elkhouri, tirada em 1951 em Aintourine.

A solidariedade familiar e de amigos é importante no momento da partida e no momento da chegada para o início da nova vida.

> Eu tive sorte com essa frase que eu fiz. Quando a pessoa está contente dá aquela gargalhada e solta lágrimas e quando chora também por qualquer coisa solta lágrimas, eu não sei de onde apareceu na minha cabeça para fazer uma poesia tão bonita, tão rápida, eu não sei de onde veio. Parei em frente da fonte, tomei um gole de arak e falei: "Ayn, minha fonte, não sei se eu volto para beber dessa água de novo, derramo duas lágrimas, uma de tristeza porque vou deixar o Líbano e outra de alegria porque vou encontrar meu pai". **Youssef Melhem Elkhouri**

[46] É uma dança folclórica de muitos países árabes. Dançada em grupo, com as pessoas de mãos dadas formando uma roda ou uma meia-lua. Não há movimentos de braços e ou de quadril. A movimentação se restringe aos pés, que realizam uma variedade de batidas e passos no chão.

Figura 20- Fonte em Aintourine cidade natal do colaborador Youssef Melhem Elkhouri. Foto do acervo de Hind Nader Elkhouri

Osman (2006) ainda considera um quinto período (1975 – 1990), marcado pela guerra civil, pelo medo da substituição do poder do Estado pelas milícias, pela divisão do país em guetos religiosos, pelas invasões de sírios e israelenses aliadas aos problemas econômicos. Esses fatos históricos aumentaram o fluxo emigratório tanto de muçulmanos quanto de cristãos. A autora considera ainda um sexto período, a partir de 1990, identificado como a manutenção do movimento emigratório em tempo de paz, ainda marcado pelas dificuldades econômicas.

Ao chegarem ao Brasil, os libaneses acompanhavam as evoluções do movimento da migração interna, de acordo com os diferentes ciclos econômicos do Brasil: extração da borracha (1869 – 1912) no Amazonas e Acre; cultura do café (1860 -1930) no oeste paulista e Paraná; cultura do algodão (1934- 1940) no Maranhão, Pernambuco e Ceará; cultura do cacau (1900) na Bahia; criação da indústria (grande desenvolvimento a partir de 1874) concentradas nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul; construção de Brasília (a partir de 1950); mineração em Minas Gerais; agropecuária no Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Ao chegarem a essas regiões, os libaneses não exploravam o produto da região, mas aproveitavam o número de pessoas que já existiam

no local para mascatear produtos de primeira necessidade, armarinhos e outros produtos que eram solicitados.

A idéia de fazer dinheiro, principalmente na América, especificamente no Brasil causou um impacto profundo entre os moradores das aldeias do Líbano. Aqueles que tinham família ou conhecidos que já estavam no país receptor mandavam notícias e dinheiro, estimulando a emigração. As famílias passavam a planejar o envio de seus filhos temporariamente ao continente americano como forma de resolver suas dificuldades financeiras.

A princípio, a emigração tinha caráter temporário, pois acreditavam que alguns anos nas Américas seriam suficientes para assegurar uma vida próspera nas aldeias. Os familiares recebiam cartas contando as facilidades e o sucesso dos que haviam alcançado uma posição econômica mais segura. Os que já estavam no Brasil chamavam os parentes ao país, onde formavam redes familiares.

De acordo com Truzzi (2005), a imigração libanesa é formada por pessoas comprometidas com laços familiares, e para Lesser (1999), são imigrantes que estabeleceram suas estratégias de interação, embasadas numa identidade construída a partir do contexto específico, criando espaços de negociação com a identidade nacional.

A partir dos relatos abaixo, pode-se perceber a rede de patrícios que escreviam sobre um país propício para trabalhar e para prosperar:

> Nós viemos porque falaram que o Brasil é um país bom para trabalhar. E o meu marido tinha medo de lutar em alguma guerra. Quando nós saímos do Líbano não tinha guerra. **Milia Sandrone Reaiche**

> Deixamos nossa terra natal no Líbano. Todo mundo falava que o Brasil é um país bom, abençoado mesmo. O Brasil é um país muito querido porque é um país abençoado, acolhe todo mundo, porque tem povo simples e tem Deus, porque país nenhum recebe estrangeiro como o Brasil recebe, é um país cem por cento, única coisa nos falta é político que cuida da segurança, nós não temos mais segurança, saímos vivos da casa e não sabe se volta vivo. **Emile Antoun Reaiche**

Os libaneses, ainda em sua terra natal, tinham uma imagem de que o Brasil era um país rico e próspero. Essa idéia era a esperança para muitos. Os relatos dos colaboradores demonstram a imagem que tinham do Brasil antes de partirem de seu país de origem:

> Antes de chegar aqui eu achava que o Brasil tinha muita pedra, que o chão era feita com pedra preciosa, a gente via nos livros na escola que a América era muito rica, que tinha muita pedra preciosa. Eu trouxe comigo uma pedra preta para não esquecer o Líbano, mas quando eu cheguei e vi que não tinha pedra preciosa, e que as pedras eram iguais, eu joguei fora a pedra que trouxe, fiquei decepcionada. **Hind Nader Elkhouri**

> Antes de chegar ao Brasil, achava que o país era maravilhoso, um país fantástico, quando cheguei,vi um lugar desconhecido, você estranho, mas passou o tempo e fui acostumando. **Mtanios Assaad**

> Imaginava o Brasil como se fosse o Líbano, com pouca gente, tranquilidade para viver. Mas, quando cheguei, vi tudo diferente, muita gente e mais agitado que o Líbano. **Najet Mtanios Assaad**

Sayad (1998) afirma que trabalhador e imigrante podem ser classificados como pleonasmo porque o imigrante sai de sua terra natal para o país receptor, ainda que em caráter temporário, de um modo em que sua estadia autorizada está inteiramente sujeita ao trabalho.

A partir do que foi apresentado, conclui-se que a imigração libanesa tem como característica principal a imigração espontânea. A maioria dos imigrantes era do sexo masculino que deixara seu país de origem motivado pelo desejo de encontrar melhores condições de vida já conquistadas pelos primeiros imigrantes. A oportunidade de fazer dinheiro em pouco tempo e numa quantia superior à média local exerceu profundo impacto nas aldeias, estimulando o envio dos filhos, a principio temporariamente, como forma de resolver suas dificuldades financeiras.

Para Chalita,

> "A primeira figura é a do avô ou bisavô que chegou ao Brasil em navio na terceira classe**,** iniciou a vida como mascate, percorreu o Brasil e não gastou o dinheiro consigo mesmo, mas gastou com seus filhos para os colocarem nas melhores escolas e universidades e concretizarem seus sonhos.
> A segunda figura é aquela que nunca veio ao Brasil fisicamente, mas cuja alma pairou por cima desta terra numa saudade mais dolorosa que a morte: a mãe dos primeiros emigrantes que iniciavam sua viagem arrancando-se dos braços amados, entre lágrimas... Estas mães esperam seus filhos, algumas tiveram a sorte de revê-los outras infelizmente fecharam os olhos para este mundo sem ter visto o filho de novo...." Mansour Chalita[47]

[47] Jornalista e escritor, citado em KHATLAB, Roberto. *Saga libanesa no Brasil*. Líbano Mokhhtarat 2002, p.58.

CAPÍTULO II

DO MASCATE AO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

A língua portuguesa trazida ao Brasil continha uma presença lexical árabe expressiva (cerca de um terço do português primitivo tem origem no idioma árabe), segundo Farah (2009)[48]. Entre as palavras e expressões, é possível mencionar o termo "mascate". Adotada pelos portugueses "por causa de Masqat, uma cidade na península arábica[49] que foi feitoria portuguesa onde os navios faziam a aguada[50] e o comércio de cavalos aljôfar das pescarias do golfo. Dali vieram vendedores ambulantes para o Brasil que era de Masqat vieram fazer comércio de fazendas e miudezas" [51]

> A palavra mascate, por exemplo, tem um poder mágico, faz com que recue até a chegada a Magé. Esclarece, antes: pouco importa o que uma pessoa tenha sido ou queira ser, pouco importam sonhos, desejos, aspirações, fantasias. Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta, só bem mais tarde irão tomar conhecimento do outro significado da palavra trouxa. Se estão se dando bem e o mascatear dá certo, vão deixar de ser trouxas, não demora adquirem um cavalo, uma carrocinha, depois podem ter uma vendola, um armazém, loja de tecidos, quem sabe uma fabriqueta.[52]

Explicação reforçada por Safady[53] quando relata que os comerciantes de *Masqat* tornaram-se conhecidos por suas viagens a fim de trocar mercadorias, sobretudo na Índia. Reconhecidos como mascates, celebrizaram-se ao comporem importante ponto comercial do Golfo Pérsico nas rotas medievais.

Khatlab escreve sobre os mascates no Brasil:

---

[48]FARAH, Paulo Daniel Elias. "A presença árabe na língua portuguesa" in Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: FBN, 2009, p. 49.
[49] De 1507 a 1658 os portugueses conquistaram a cidade de Mascate, atual capital de Omã, no Golfo Arábico.
[50] Lugar onde se faz abastecimento para viagens marítimas
[51] MIRANDA, Ana. *Amrik.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 182.
[52] MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 82
[53] SAFADY, Jamil. *O café e o mascate*. São Paulo: Comercial Safady, [s.d.]. p. 113-114

> Os libaneses penetraram em todas as regiões do Brasil dispostos a enfrentarem qualquer tipo de trabalho. Sendo fruto de uma imigração voluntária, lançaram-se no ramo do comércio ambulante, que não necessitava inicialmente de um grande capital e passaram a ser os mascates ou os caixeiros, pois perambulavam por cidades e campos levando uma pequena caixa de madeira repleta de objetos.[54]

A atividade de mascateação dispensava qualquer habilidade ou grandes somas de recursos. Começavam carregando caixas e malas enormes. Estavam dispostos a enfrentar todos os desafios para acumular riquezas.

Percebe-se o árduo trabalho e o sacrifício inicial nas falas dos colaboradores:

> Olha! No começo, depois que casei eu fui mascate, vendia roupa na rua, carregando mala no ombro, grávida depois vendia na feira e peguei uma barraca aqui no Centro, como camelô. **Yasmin Nassuf El Khouri El Jalis**

> Eu fiquei sem roupa, só tinha duas peças de roupa, eu coloquei o resto das minhas roupas na mala para ele vender. Eu trouxe roupa para eu usar, mas coitado não sabia ler, não sabia escrever, então dei essas roupas para Emile e ele começou a trabalhar vendendo roupa, era única coisa que dava para ele fazer, coitado. Ele comprou uma mala, foi para São Paulo, foi com o dinheiro que trouxemos, ele encheu a mala de roupa, ele vendeu e foi aí que resolvi dar as minhas roupas pra ele vender. **Milia Sandrone Reaiche**

> Quando cheguei para o Brasil eu vim diretamente para São José dos Campos, peguei duas malas e comecei trabalhar na roça, vendi como ambulante, batia de porta em porta. Sul de Minas inteiro me conhece, todo o sul de Minas, batia de porta em porta. Então graças a Deus venci a luta. **Boutrus Nemetallah El Khouri**

A figura do mascate constitui-se como a primeira alternativa de inserção econômica de sírios e libaneses não apenas no Brasil, mas em outros países da América Latina. O libanês adotou, assim, a função de mascate, comerciante ambulante; preferia vender nas ruas a ser operário na indústria ou na agricultura.

---

[54] KHATLAB, Roberto. *Mahjar. Saga libanesa no Brasil*. Beirute: Mokhtarat, 2002, p.38

> Trabalhei para uma senhora só dois meses, lá na minha terra não trabalhei de empregada, eu queria trabalhar por conta própria.... Eu fui pra Jacareí com duzentos reais, comprei meia e comecei a vender na calçada aqui em São José dos Campos Com esses duzentos reais ganhei um pouquinho e fui lá para São Paulo, comprei roupa e fui mascateando na rua, mascateei quinze anos, a mala na cabeça durante quinze anos. **Marie Alwan**

Truzzi aponta o mascate como a "única base possível de identidade coletiva do grupo, fragmentado pelas diferentes regiões de origem". Foi o mascate que traduziu a capacidade de adaptação à nova sociedade, ao ser invocado como "um autêntico bandeirante integrador e difusor das novidades da capital pelos sertões do Brasil afora", e ao abrir a possibilidade do domínio de um setor econômico em expansão; neste sentido, "encarnou uma espécie de mito fundador da etnia".[55]

Truzzi (2002) afirma que os imigrantes que aqui chegaram inicialmente, em geral, pertenciam a famílias de agricultores proprietárias de pequenos lotes de terra. Esses imigrantes, embora em sua maior parte estivessem vinculados à atividade rural em suas terras de origem, depararam-se, sobretudo em São Paulo, com um sistema de grandes lavouras, diferente do que conheciam. Vieram para o país sem recursos, o que lhes impedia de se estabelecerem como proprietários rurais. Diante de uma estrutura agrária concentrada, teriam de ficar empregados como colonos ao longo de, pelo menos, uma ou duas gerações para terem a chance de conquistar o acesso a algum tipo de propriedade rural que os mantivesse em suas atividades originais. Além disso, nos primeiros tempos da imigração, alguns deles foram empregados como colonos, mas meses depois fugiam para as cidades mais próximas, desmotivados pelo tratamento nas fazendas e pela falta de perspectivas de melhoria de vida.

> Nós tínhamos nossa lavoura, nós tínhamos chácaras de maçã, de uva, ficava longe da cidade, cada um tinha uma chácara de uva, tínhamos pêra, figo também. **Youssef Melhem Elkhouri**

> Meu pai trabalhava na chácara, tinha terreno, tinha muito serviço pra ele. Eu era criança, levava almoço para ele. **Salim Gabriel Nicolas**

---

[55] TRUZZI, Oswaldo M. S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, FAPESP/Brasília, DF: CNPQ, 1991. p. 67-68.

> Meus pais, Youssef Mikhael Nader e Naous Mikhael Nader, trabalhavam na terra, eles plantavam amêndoas, azeitona, uva, maçã. O meu pai vendia o que a gente plantava. **Hind Nader Elkhouri**

Nos estudos sobre sírios e libaneses que realizou na cidade de São Paulo no início da década de 1950, Knowlton relata:

> Os primeiros mascates parecem ter sido alemães e portugueses, que encontraram nesse comércio um ótimo negócio para imigrantes paupérrimos. Não se exigia capital, pois o mascate podia conseguir mercadoria a crédito de um compatriota ou de firmas especializadas nesses fornecimentos. Tais firmas eram portuguesas na maioria, embora houvesse também casas alemãs, inglesas e de outras nacionalidades. (...) A mascataria tornou-se uma técnica reconhecida entre muitos grupos de imigrantes no Brasil a fim de acumular capital suficiente para estabelecer-se. À medida em que uma nacionalidade a deixava de lado, outra tomava-lhe a sucessão. Os alemães e portugueses foram seguidos pelos italianos, que por sua vez foram afastados pelos sírios e libaneses. [56]

O clima de prosperidade no país receptor favorecia o entusiasmo pelas vendas, e a mascateação oferecia vantagens, embora o trabalho exigisse grande esforço. Dentre as vantagens destacam-se a dispensa de recursos iniciais significativos e o fato de ser uma atividade que não pedia grandes habilidades. O início, muitas vezes, dava-se imediatamente após a chegada à nova terra, carregando pacotes, caixas ou malas dos mascates que já mercadejavam e, assim que aprendiam algumas palavras e frases suficientes para negociar, saía-se por conta própria.[57]

No texto "Os libaneses no Brasil", Jorge Bastani Tanus retrata a trajetória de sua vida de mascate:

> [...] numa madrugada, sobraçando um pequeno baú, cheio de pares de meias para homens, mulheres e crianças, carretéis de linha, peças de algodão, brincos e 'bichas' para enfeites femininos, anéis, broches e pulseiras de fantasia, agulhas, pentes, sabonete e uma infinidade de outros objetos, saí em direção à 'roça', mercadejando os meus artigos, e levando no 'bornal' alguns sanduíches para merenda. Não precisava levar almoço ou jantar, porque sabia que em cada casa aonde chegasse

[56] KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses: mobilidade social e especial*. São Paulo: Anhembi, 1960, p. 113

[57] Id. ibid. 1960, p. 55.

> à hora da refeição seria, por 'tradição brasileira', convidado para tomar parte na mesma.[58]

Truzzi (2005) afirma que, logo nas primeiras décadas do século XX, estavam os principais elementos constitutivos da imagem mais comum, mais popular, a respeito dos sírios e libaneses: o aspecto e o idioma característicos, a identificação com o comércio ambulante e o modo peculiar de negociar. Portanto, ao se dedicarem em massa a uma atividade relacionada ao comércio de bens de consumo popular, os sírios e libaneses, por esse motivo, receberam uma "marca", uma apreciação que fixou uma imagem perante a sociedade, a de "turcos".

Os mascates ou caixeiros libaneses passaram a ser chamados de "turco da prestação", pois, viajando de cidade em cidade, vendiam seus produtos a prazo Em língua árabe, foram chamados de Ahl al Kacha[59], palavra que passou a fazer parte do vocabulário árabe. Os mascates passaram a carregar nas costas uma caixa em forma de "pequeno armário", ou seja, armarinho, onde carregavam miudezas, perfumes, tecidos e roupas feitas, entre outros objetos. A forma de comércio com um armarinho sobre as costas atado por correias de couro é o que popularizou, em seguida, as pequenas lojas de miudezas no Brasil denominadas armarinhos.

Os primeiros sírio-libaneses tiveram de resistir à ofensiva de discriminação racial e comercial desfechada por outras colônias estrangeiras que tinham o controle do comércio do Estado. Estas temiam a futura concorrência sírio-libanesa e resolveram estrangular o comércio árabe logo no início. A animosidade colou aos futuros concorrentes o nome de "turco" e chegaram a publicar, nos maiores jornais do país, propagandas destinadas a criar um espírito de hostilidade geral contra o "turco, ateu e comedor de carne humana". Porém, esta hostilidade não produziu efeito na população; o povo brasileiro se inclinava a fazer negócio com os sírio-libaneses.[60]

Salim Miguel aborda em sua obra a hostilidade referente ao comércio libanês:

---

[58] TANUS, J. B. *Os libaneses no Brasil*. *In*: JORGE, *Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*. São Paulo: [s.n.], 1948. p. 91-131.
[59] Em árabe significa "povo da caixa".
[60]ABUJAMRA, Said e NAJIM Fares Simão- JAFET, Nami. Ensaios e discursos, São Paulo: 1947 in KHATLAB, Roberto. Mahjar Saga libanesa no Brasil, Zalka- Líbano Mokhhtarat: 2002, p. 38

> E de repente, sem qualquer explicação, os comerciantes começaram a reclamar da família Miguel. Inclusive reclamaram para o padre e de seu Zé, passaram a chamá-lo de turco, de gringo. "Esse turco chegou ontem e nos roubou a clientela". O boicote começou. O padre recriminava os fiéis, eles tinham que comprar dos conterrâneos e não do gringo.[61]

Dentre várias campanhas efetuadas contra os turcos, uma das maiores aconteceu nos jornais do Rio de Janeiro[62] e expandiu de tal forma que inúmeras histórias foram inventadas contra os mascates.

> Coincidiu que, enquanto comemoravam o domingo com churrasco, quibe, bebidas, cantos e danças folclóricas, foram interrompidos pelo delegado de polícia. Pediu desculpas ao grupo árabe pelas suspeitas e denúncias de alguns populares de que fossem eles os matadores da criança desaparecida. Sendo o churrasco um belo carneiro, a frase 'turco come gente' foi o bastante para os fanáticos trabalharem. Viram na cabeça do carneiro o motivo para denunciarem-na como sendo a cabeça da criança (...) chegavam notícias da criança que regressara ao seu lar. Aí a fúria popular amainou [...].[63]

A frase está presente na memória do colaborador Youssef ao recordar que quando chegou a São José dos Campos escutava histórias referentes a ideia de que "turco como gente":

> Falavam que os "turcos" comiam carne humana por causa do kibe cru e que comiam miúdos de carneiro crus, como fígado, rim e coração. **Youssef Melhem Elkhouri**

Para aplacar a onda difamatória, os imigrantes, sobretudo os residentes nas grandes cidades, organizaram-se em várias associações. As atitudes discriminatórias desenvolveram-se também como consequência do contato de diferentes etnias em condições de desigualdade econômica e social.

Truzzi aponta que:

> Se o preconceito em relação a sírios e libaneses abrangeu de fato todo um conjunto de interpretações estereotipadas variáveis ao longo de

[61] MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p.118
[62] SAFADY, Wadih. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966. p. 191
[63] Id. ibid.1996, p.191

> sua assimilação, fica difícil por outro lado imaginar que ele assumiu uma consistência capaz de interpor barreiras ao sucesso econômico dos membros da colônia.[64]

Conforme a região, outras denominações surgiram para os mascates. Foram chamados de matraca, porque a medida que usavam para medir fazendas servia também de matraca – da palavra árabe "taraca", bater; são duas peças de madeira ligadas por um tira de couro que, ao serem batidas uma contra a outra, produzem um som[65] que anunciava a chegada do mascate. Em outras regiões eram chamados de canastreiros, por causa de suas canastras de mercadorias; eram chamados, também, de barateiros, pois sempre gritavam nas ruas "é barato, freguês!"; e assim havia várias alcunhas referentes ao mascate.

Os mascates libaneses atravessaram o Brasil de leste a oeste, de sul a norte, passando por cidades, povoados, trilhas e serras, a pé, a lombo de cavalo ou até mesmo nos igarapés do amazonas, com seus barcos fluviais. Era atendida uma grande população ribeirinha que vivia nas margens dos rios; carregavam mercadorias e levavam novidades.

É possível verificar na literatura brasileira escritores, como Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade que retrataram os principais elementos que caracterizam a imagem que os cidadãos brasileiros tinham dos imigrantes árabes.

> Os elementos apresentados por Amado e Drummond – o pendor para o comércio que fez dos árabes mascates e lojistas, o despojamento, a esperteza (chegando por vezes à trapaça), a pronúncia estranha e mesmo algumas características físicas como a corpulência e o "bigode pontudo" –, mais do que formulações fantasiosas dos autores, são aspectos centrais do estereótipo do imigrante árabe formulado pela produção cultural brasileira e aceito pelo senso comum.[66]

Vê-se abaixo trecho da obra *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, cuja personagem Nacib possui papel central:

---

[64]TRUZZI, Oswaldo M. S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, FAPESP/ Brasília, DF: CNPQ, 1991. p. 38.
[65] Trac-trac.
[66] GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil história oral dos imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005, p. 23.

> De árabe e turco muitos o tratavam, é bem verdade. Mas o faziam exatamente seus melhores amigos e o faziam numa expressão de carinho, de intimidade. De turco ele não gostava que o chamassem, repelia irritado o apodo, por vezes chegava a se aborrecer:
>
> – Turco é a mãe!
>
> – Mas, Nacib...
>
> – Tudo o que quiser, menos turco. Brasileiro – batia com a mão enorme no peito cabeludo – filho de sírios, graças a Deus.
>
> – Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa.
>
> – A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua! É não conhecer história e geografia. Os turcos são uns bandidos, a raça mais desgraçada que existe. Não pode haver insulto pior para um sírio que ser chamado de turco.
>
> – Ora, Nacib, não se zangue. Não foi para lhe ofender. É que essas coisas das estranjas pra gente é tudo igual...
>
> [...]
>
> Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, berliques e berloques, cortes baratos de chita, colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo. Mulatas e negras, empregadas nas casas ricas, amontoavam-se ante as malas abertas:
>
> – Compra, freguesa, compra. É baratinho... – a pronuncia cômica, a voz sedutora.
>
> Longas negociações. Os colares sobre os peitos negros, as pulseiras nos braços mulatos, uma tentação! O vidro dos anéis faiscava ao sol que nem diamante.
>
> – Tudo verdadeiro, do melhor.[67]

Em seguida, um trecho do poema "Os turcos", de Carlos Drummond de Andrade, descreve o estereótipo que havia na época a respeito dos árabes:

> Os turcos nasceram para vender
> bugigangas coloridas em canastras
> ambulantes.
> Têm bigodes pontudos, caras
> de couro curtido,
> braços tatuados de estrelas.
> Se abrem a canastra, quem resiste
> ao impulso de compra?
> É barato! Barato! Compra logo!
> Paga depois! Mas compra!
> A cachaça, a geléia, o trescalante

[67] AMADO, Jorge. Gabriela, cravo e canela in GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil história oral dos imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005, p. 24.

> fumo de rolo: para cada um
> o seu prazer. Os turcos jogam cartas
> com alarido. A língua cifrada
> cria um mundo-problema, em nosso mundo
> como um punhal cravado.
> Entendê-los, quem pode? [...]
> Os turcos,
> meu professor corrige: Os turcos
> não são turcos. São sírios oprimidos
> pelos turcos cruéis. Mas Jorge Turco
> aí está respondendo pelo nome, e turcos todos são, nesse
> retrato
> tirado para sempre... Ou são mineiros
> de tanto conviver, vender, trocar e ser
> em Minas: a balança
> no balcão, e na canastra aberta
> o espelho, o perfume, o bracelete, a seda,
> a visão de Paris por uns poucos mil-réis?[68]

Os mascates andavam por todo o território brasileiro e sua particularidade estava no seu modo de comercializar, fazer troca, barganhar com café, ouro, borracha e cacau, entre outros produtos. Vender a prazo, nunca apresentar preços fixos de seus produtos e estar sempre dispostos a negociar: essa era a maneira de fazer comércio: facilidades de pagamento, preço baixo e, por conseqüência, mais venda, isso diferenciava os libaneses dos outros comerciantes, particularmente portugueses e italianos, que aos poucos deixavam de mascatear, pois não conseguiam mais enfrentar seus concorrentes libaneses.

> O pai, Yussef, explica para os filhos sobre a origem do ato de pechinchar, faz parte de um jogo milenar, que a maioria dos levantinos domina bem, afinal descendem dos fenícios, exímios negociadores, que no longínquo passado percorriam os sete mares.[69]

> No começo, na minha loja, eu não colocava preço certo, escrevia em árabe o preço de custo na etiqueta e dava outro preço, mais alto. Se o freguês pedia desconto eu negociava. Teve uma vez um freguês foi na loja, ele era patrício, eu não sabia, ele viu a etiqueta e conversou comigo em árabe. Eu fiquei sem graça, fiz mais barato para ele. **Nabiha Melhem Elkhouri**

---

[68]ANDRADE, Carlos Drummond . *Os Turcos* in GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil história oral dos imigrantes*. Gandalf, São Paulo, 2005 , p. 25.

[69] MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 101

Sobre os impostos cobrados aos mascates, Khatlab faz a seguinte abordagem:

> Os mascates pagavam impostos, os inspetores aplicavam duras multas aos que não possuíam licença para mascatear. O valor do imposto dependia da região e do tipo de comércio: freguesias, sobre tabuleiro, em canoas... A licença era colocada sobre a caixa ou barco e em caso de infração havia punição. Um exemplo desta lei foi no estado de minas Gerais, que estabeleceu o imposto de 200$000 anual (resolução de 1895). Depois de um ano baixou outra resolução dizendo que mascates árabes ou turcos tinham que pagar um imposto de 600$000, defendendo assim o interesse dos mascates nacionais que trabalhavam na região (Revista do Arquivo público de Minas Gerais, III, p. 366). Isto fazia que os mascates procurassem as regiões mais distantes para comercializar.[70]

A tarefa de mascatear, embora lidasse com uma série de riscos, abria possibilidades mais amplas de melhoria de vida. O trabalho era árduo, mas recompensado, em grande parte, com o acúmulo de capital suficiente para estabelecer negócio próprio, situação que não foi experimentada por outros grupos de trabalhadores da época, como colonos e operários que se viam, inclusive, ameaçados pelo desemprego que não atingia os mascates.

Os mascates, em geral, tomavam dos patrícios já estabelecidos mercadorias que seriam pagas após as vendas. Esse tipo de relacionamento era facilitado pelo fato de que o comerciante fornecedor havia vivenciado a mascateação que lhe possibilitara estabelecer-se, o que lhe permitia conhecer bem o ofício e consequentemente aceitava sem restrições a dinâmica do acordo. Muitas vezes o mascate era um parente ou um conterrâneo chegado há menos tempo que o fornecedor.

> Os primeiros dias são de aprendizado. Não demora, trouxa ao ombro, de ônibus ou a pé, só ou acompanhado de um patrício, parcas palavras de um português macarrônico [sic], desde que pudesse se fazer entendido e vender seus produtos lá ia o pai em busca de algum lucro de experiência, de recursos para continuar investindo. As compras são feitas no empório de patrícios, em consignação, para pagamento posterior, quando fosse possível. [...][71]

Essa situação é exemplificada na fala de um colaborador, mesmo não sendo mascate, já com um estabelecimento comercial:

---

[70] KHATLAB, Roberto. *Mahjar. Saga libanesa no Brasil*. Beirute: Mokhtarat, 2002, p.39

[71] MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 83

> Então, comecei trabalhar com meu pai na loja e em 1954 abri um salão na esquina da Rua Sete de Setembro, apenas com as prateleiras e com o balcão, sem nenhuma mercadoria. Apareceu na loja um patrício, em duas kombis, me oferecendo camisas, ele falou comigo em árabe:
>
> - Quer comprar?
>
> - Eu quero, mas não tenho dinheiro.
>
> - A gente se arruma. Falou o patrício.
>
> Você não vai acreditar, fiquei com mil camisas, que custavam 0,50 cruzeiros. Fiquei preocupado porque as camisas não estavam nas caixas e se colocasse nas prateleiras o freguês não iria ver. Então eu forrei o chão com jornal e espalhei as camisas ali, era mês de novembro. Quando abri as portas do salão da loja rapidamente encheu de fregueses e comecei a vender tudo. Passava viajante e eu comprava alumínios para cozinha, brinquedo, armarinho para colocar na loja e vendia bem, vendia tudo. **Youssef Melhem Elkhouri**

É interessante perceber que durante as entrevistas, alguns colaboradores alegavam que, ao chegar a São José dos Campos, os patrícios que não ajudavam, geralmente, era por não terem boas condições financeiras. Entretanto, muitos recém-chegados, mesmo que precisassem, não aceitariam ajuda, talvez por uma questão de orgulho próprio:

> Quando eu cheguei para São José, a gente falava bom dia em árabe, eles respondiam em português, acho que eles tinham medo da gente pedir algo. Mas, depois fiz amizade... Os patrícios não ajudavam muito porque não tinham condições de ajudar, mas se também oferecia eu não aceitava. Eu tinha dois cunhados, irmão do marido, um morava em Caraguá, o Simon e o Antonio que morava em São José, mesmo depois de ficar viúva eu não aceitei ajuda. **Marie Alwan**

> Olha! No começo, depois que casei, eu fui mascate, vendia roupa na rua, depois vendia na feira e peguei uma barraca aqui no Centro, como camelô. Uma vizinha que tinha uma loja viu o meu sofrimento e disse que ia mudar de ponto e queria passar o ponto prá mim, falou pra eu parar de ficar na rua, cheia de filho. Eu agradeci e falei pro dono do ponto alugar o ponto, ele disse que aluga, mas o Fuad tinha que ser o fiador. Falei com ele e disse que não ia ser o meu fiador, ele pediu desculpas e disse que nem do filho seria fiador. Voltei no proprietário e perguntei se o meu irmão podia ser fiador, ele disse que eu poderia levar pra conversar com ele, mas quando ele viu o meu irmão, ele já conhecia o Miguel e na hora aceitou. Eu não fiquei chateada com o Fuad, ele havia prometido que não ia ser fiador de ninguém. Deus me

> ajudou e consegui a minha primeira loja, chamava Nossa Senhora de Fátima. Ficava em frente do Mercado Municipal. **Yasmin Nassuf El Khouri El Jalis**

Truzzi (2005) afirma que de mascates a proprietários de estabelecimentos comerciais comerciantes, assim como, a pretensão inicial de uma imigração temporária, destinada a redimir suas famílias de situações difíceis, tomou outro rumo. Durante a década de vinte, iniciaram a ocupação de posições mais favoráveis no comércio atacadista de tecidos e armarinhos e na indústria de confecções, enriquecidos pelos bons lucros auferidos durante a guerra. Ao longo das décadas de trinta e quarenta, os libaneses e os sírios consolidaram e ampliaram seus negócios, monopolizando praticamente o comércio varejista de tecidos e a pequena indústria de transformação ligada a esse setor, ocupando a posição mais importante no comércio atacadista e investindo na indústria têxtil em São Paulo.

> O meu tio Badue tinha loja de tecidos, ele vendia muito para o Sanatório, na época tinha tuberculose. E o meu tio Fuad tinha loja de chapéus. O meu pai começou com loja de armarinhos, ele morreu novo, coitado. Os meus tios vendiam muito. **Youssef Melhem Elkhouri**

> Os meus filhos abriram uma confecção de roupas em São Paulo e faz muito sucesso, é a Fatal Surf. Eu coloco na loja camisetas, bermudas para vender, são boas, vendo bem. **Boutrous Nemetallah El Khouri**

Encontra-se no Jornal *Correio Joseense*, do dia 9 de maio de 1943, propaganda do estabelecimento do Fuad Cury, tio citado pelo colaborador Youssef Melhem Elkhouri

EXPEDIENTE
ASSNATURAS
Por 12 meses Cr$ 12,00
Por 6 meses Cr$ 6,00
PUBLICAÇÕES
Por linha de col. Cr$ 0,20
Por duas vezes Cr$ 0,50
Por tres vezes Cr$ 0,60
ANUNCIOS
Por cent. de col. Cr$ 0,80
Para mais de 1 vez Cr$ 0,40

CORREIO JOSEENSE

Ano XIX | REDAÇÃO R. Sebastião Humel, 3 | S. José dos Campos, 9 de Maio de 1943 | DIRETOR Napoleão Monteiro | Num. 987

AO POVO

COMUNICADO DE ULTIMA HORA

FUAD CURY, comunica a sua distinta freguezia e ao povo em geral de São José dos Campos, que aceitou a representação da afamada fabrica de Chapéus RAMENZONI, sendo o unico depositario nesta praça.

Estoque completamente novo, variado, e com grande redução de preços. Façam uma visita a CASA SÃO JORGE, de FUAD CURY a Rua Siqueira Campos, n.o e verifiquem com seus proprios olhos, os lindos modelos e cores.

Escolha um chapéu do seu gosto.

Os chapéus RAMENZONI se distinguem pela sua alta qualidade e distinção.

Casa São Jorge

FUAD CURY

Rua Siqueira Campos — Telefone 180

Inteiramente ás suas ordens.

Figura 21

Encontra-se no arquivo pessoal da família do Badue Cury o Jornal *A Folha Esportiva* do dia 10 de novembro de 1935. A matéria é uma homenagem à Colônia Libanesa de São José dos Campos, sendo representada pelo Sr. Féres Zaneti, um empreendedor da época:

NUMERO ESPECIAL · A FOLHA ESPORTIVA ·

Homenagem á Colonia Libaneza de S. José dos Campos

Snr. Féres Zaneti

Como uma homenagem a distincta Colonia Libaneza, desta cidade, que tanto tem colaborado para o desenvolvimento de nossa terra, estampamos acima, o clichê de um dos seus mais representativos elementos. Referimo-nos ao Snr. Férez Zaneti, capitalista residente nesta localidade, espirito progressista e emprehendedor, que tem o seu nome ligado a quasi todas as iniciativas caridosas e realizações da numerosa Colonia dos filhos do bello «País dos Cedraes».

Figura 22

Como se observa no jornal reproduzido acima, a comunidade libanesa era tida em alta consideração na cidade, e seus membros eram descritos com adjetivos como “progressista” e “empreendedor”, entre outros.[72]

De acordo com a trajetória de mascate a proprietário de estabelecimento comercial, a empresário bem-sucedido, Truzzi (2005) faz um balanço da ascensão

[72] Na imagem, lê-se Como uma homenagem a distincta Colonia Libaneza, desta cidade, que tanto tem colaborado para o desenvolvimento de nossa terra, estampamos acima, o clichê de um dos seus mais representativos elementos. Referimo-nos ao Snr. Férez Zaneti, capitalista residente nesta localidade, espirito progressista e emprehendedor, que tem o seu nome ligado a quase todas as inicativas caridosas e realizações da numerosa Colonia dos filhos do bello < País dos Cedraes>.

econômica da colônia sírio-libanesa destacando três elementos que deram sustentação ao processo como um todo:

a) Um perfil de distribuição demográfico-ocupacional singular, ou seja, os imigrantes distribuíram-se entre as diversas regiões do território brasileiro e, ao mesmo tempo, apresentam um alto índice de ocupações urbanas. Esse fator está diretamente ligado ao comércio;

b) O segundo elemento está ligado às relações de ajuda mútua estabelecidas no interior da colônia. Os recém-chegados eram acolhidos pelos que já residiam no local, ou seja, eram beneficiados pelas redes familiares ou por redes de amigos;

c) É importante ressaltar o contínuo processo de realimentação que representou a "importação" de parentes e conterrâneos pelos que já estavam estabelecidos. Tudo indica que essa imigração em cadeia foi responsável pelo grande número de imigrantes sírios e libaneses. Em vez de o imigrante retornar, a família o acompanhou.

Gattaz complementa que era comum que o imigrante chamasse seus parentes no Líbano para trabalharem como sócios, como mascates que recebiam a mercadoria em consignado para vender nas vilas, fazendas e bairros afastados.[73]

Gattaz faz uma breve abordagem sobre a questão da mascateação e do desenvolvimento econômico dentro de um processo migratório apoiado por familiares e conterrâneos:

> Embora a mascateação continuasse atraindo imigrantes ao longo do século XX, porém, não mais se repetiu a rápida acumulação permitida nas primeiras décadas do século, anos em que o Brasil passou de país monocultor-escravagista a industrial imigrantista, quando a urbanização favoreceu a formação de grandes fortunas. Não obstante, pode-se afirmar que em geral a mascateação permitiu um relativo crescimento econômico e o posterior estabelecimento de negócios comerciais, e embora desde os anos 1950 já não fosse mais tão provável a ascensão à indústria e a grandes riquezas, esta

[73] GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes.* São Paulo: Gandalf, 2005, p.93

> possibilidade continua até os dias de hoje atraindo libaneses descontentes com os rumos políticos e econômicos de seu país. Apoiados por familiares e conterrâneos que lhes garantem empregos e todo o apoio logístico nos primeiros tempos, os libaneses têm facilitado o processo de imigração, a inserção no mercado de trabalho e a adaptação sócio-cultural.[74]

A família Jafet é um exemplo de sucesso na indústria têxtil na cidade de São Paulo. Chegou ao Brasil em 1887, passou do comércio varejo ao atacadista e depois à indústria têxtil e tornou-se um dos maiores grupos na área industrial dos anos 50. Os Jafet abriram caminho para outros libaneses e foram pioneiros na indústria brasileira de tecidos. Devido à situação político–econômica do país, em 1967, a empresa dessa família abriu concordata.

Em São José dos Campos, a presença de libaneses é forte no comércio (apesar disso, atuam em diversos setores além do comércio). A maioria está concentrada no centro comercial mais importante da cidade.

A foto abaixo representa comerciantes libaneses da cidade localizados na Rua Siqueira Campos. Entre eles estão: Fuad Cury, Salim Simão, Suleiman Hatum, Nicolau Letaif Amin Chaker Elhage, Octávio Moraes Lopes (o único brasileiro da foto) e Fuad Saliba. A foto é da década de 50, extraída do livro *São José dos campos, o comércio e o desenvolvimento* (1982) do Sindicato do Comércio Varejista de São José dos Campos. Pertence ao arquivo da Nilza Leitaf.

Comerciantes reunidos na rua Siqueira Campos, entre eles: Fuad Cury, Salim Simão, Suleiman Hatum, Nicolau Letaif, Amin Chaker Elhage, Octávio Moraes Lopes e Fuad Saliba

Figura 23

[74] Id. ibid.2005, p.95

Com a inserção dos imigrantes na cidade, o próximo capítulo abordará o Vale do Paraíba, assim como a fase sanatorial de São José dos Campos. Os libaneses de 1950 a 1970 chegaram praticamente no fim do período marcado pela tuberculose e no início da industrialização na cidade.

CAPÍTULO III

VALE DO PARAÍBA E A FASE SANATORIAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A metodologia que caracteriza esta parte da dissertação decorre de leituras e de estudos dedicados ao tema da imigração, de consultas a documentos em São José dos Campos e de um trabalho de campo, além das entrevistas, que revelam depoimentos recolhidos a partir da experiência de imigrantes que, ao deixarem o Líbano em busca do desconhecido, foram conduzidos pelos sonhos de uma vida ideal e dirigiram-se para São José dos Campos e proximidades.

São José dos Campos é uma cidade que se localiza no Vale do Paraíba. Do ponto de vista geográfico, o Vale do Paraíba encontra-se em uma posição privilegiada, estando ligado às principais metrópoles e regiões brasileiras: São Paulo, Rio de janeiro e Minas Gerais. Caracterizado por duas serras - a do Mar e a da Mantiqueira-, tem um passado marcado por nomes, casarões, riquezas e histórias.[75]

[75] CHALITA, Gabriel. *Vale do Paraíba, Política e Sociedade.* Editora Santuário, Aparecida, 1993. p.7.

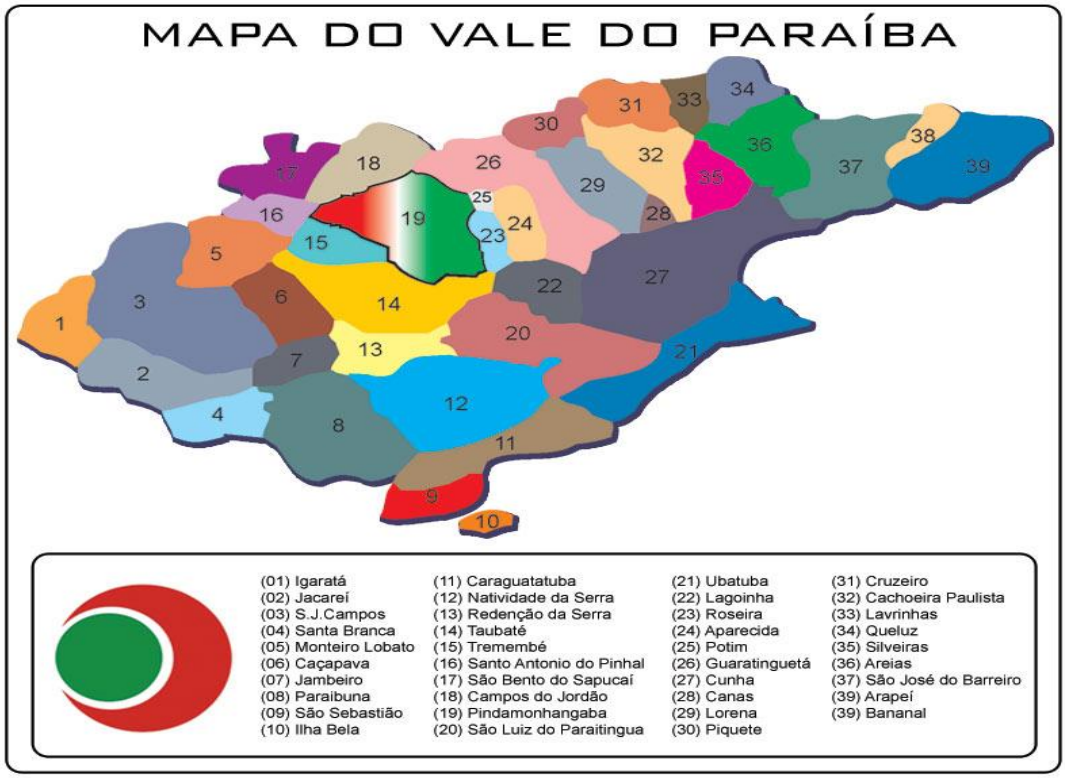


Figura 24 - Fonte: http://www.pindavale.com.br/mapas/mapa_vale.htm[76]

Trata-se de uma região com pouco mais de 18.000 quilômetros quadrados, 39 cidades e ultrapassando 3,3 milhões de habitantes. Botelho (1993), em seu artigo "Mosaico informativo da política no Vale do Paraíba", distribuiu as cidades do vale do Paraíba da seguinte maneira para melhor entendimento[77]:

- Serra da Mantiqueira: Campos do Jordão, Santo Antonio do Pinhal e São Bento do Sapucaí;
- Litoral Norte: Caraguatatuba, Ubatuba, Ilhabela e São Sebastião;
- Zona do Médio Vale do Paraíba: Cachoeira Paulista, Caçapava, Jacareí, Jambeiro, Lagoinha, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraíbuna, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santa Branca, São José dos Campos, São

[76] Acessado em 29 de setembro de 2011.
[77] BOTELHO, Joaquim Maria. *Mosaico informativo da política no Vale do Paraíba*. Aparecida: Santuário, 1993, p15.

Luiz da Paraitinga, Taubaté, Tremembé, além das vilas e distritos de Moreira César, Eugenio de Melo, Quirim e São Francisco Xavier;

- Zona do Alto Vale do Paraíba: Aparecida, Arapeí, Areias, Bananal, Cunha, Lavrinhas, Lorena, Guaratinguetá, Piquete, Cruzeiro, Potim, Queluz, Roseira, São José do Barreiro e Silveiras. Além das vilas e distritos de Campos de Cunha, Chapéu Grande, Pinheiros e Canas.
- Zona do baixo Vale do Paraíba, formada pelas cidades do setor fluminense: Volta Redonda, Resende, Barra Mansa, Barra do Piraí e parte de Minas Gerais.

De acordo com Botelho (1993), o Vale do Paraíba tem dois símbolos de unidade: O Rio Paraíba e a Rodovia Presidente Dutra. Há grande diversidade cultural, geográfica e histórica na região do Vale. No eixo da Rodovia Presidente Dutra, a indústria esmaga a pecuária, embora as planícies permitam a exploração agrícola das várzeas. Nas montanhas, a pecuária e o turismo se destacam por estarem distantes do eixo mais movimentado.

São José dos Campos tem na sua história dois momentos marcantes, a chamada fase sanatorial, pois desde o final do século XIX havia uma propaganda dos bons ares da cidade; o segundo momento ocorre a partir da década de 50 com o forte processo de industrialização.

Para melhor compreensão sobre a fase sanatorial de São José dos Campos, é importante traçar brevemente o panorama mundial em que viviam os europeus no século XVIII:

> Nessa época havia a crescente preocupação científica quanto à salubridade dos espaços públicos. O pensamento médico do século XVIII considerava que o ar e a água eram em certas circunstâncias portadores de emanações fétidas e pútridas, conhecidas como miasmas. Os locais insalubres representavam perigo de contaminação para a população local. Na França, a partir da segunda metade do

> século XVIII, as intervenções da Medicina Urbana passaram a inspecionar locais insalubres.[78]

A cidade de São José dos Campos viveu uma boa parte de sua história marcada por tuberculosos, fase que se inicia antes de 1935, quando:

> Oficialmente tornou-se Estância Climatérica. O município atraía em grande número os doentes acometidos pela tuberculose, ao findar a década de 1800. Mas foi somente em 1935 que a cidade conseguiu concretizar o pleito do segmento ligado ao tratamento da tísica, liderado por médicos e comerciantes. A busca do município pelos doentes foi tão grande que, por volta de 1940, a cidade era tratada nacionalmente como a kochlândia[79] brasileira, como último refúgio de esperança.[80]

De acordo com Olmo, Papali & Zanetti (2010), São José dos Campos se industrializou sem que estabelecesse vínculo com o "complexo cafeeiro" como outros pólos paulistas. No século XX, São José dos Campos deu início a um processo de centralização e concentração de investimentos, população e equipamentos, marcando a cidade sanatorial que atuou fortemente no setor terciário, através da instalação de serviços variados para atendimento dos doentes.

Foi um período importante para a cidade, no qual a presença da doença e dos doentes abriu a primeira porta para intervenções urbanísticas e para as políticas públicas na cidade. Atraídos pelo clima, os tísicos chegavam, procurando salvação. Foi pela via da doença que a cidade se modernizou. Essa modernização foi impressa em prédios, estruturas urbanas e bairros planejados, pela indústria e pela técnica, pela limpeza das ruas e alargamento das avenidas. O Estado buscou disciplinar a cidade, colocando a necessidade de uma normalização do espaço e das condutas em relação à doença e ao doente.

---

[78] SOARES, Laerte Luiz; SOUSA, Ana Maria Santos. *Modernidade e Urbanismo Sanitário São José dos Campos.* São José dos Campos: UNIVAP. 2000, p. 19.

[79] Essa denominação faz referência ao bacilo de Koch, que provoca a tuberculose (Correio Joseense, em 11 de abril de 1943).

[80] OLMO, Maria José Acedo; PAPALI, Maria Aparecida & ZANETTI, Valéria. O outro lado da doença: São José dos Campos em tempos de tísica *in Fase sanatorial de São José dos Campos: espaço e doença.* São Paulo: Intergraf, 2010, p.103.

Foi inaugurado o primeiro sanatório de São José dos Campos, denominado Vicentina de Souza Aranha, em 1924, considerado o maior sanatório da América Latina.

Figura 25
Fonte: http://camarasjc.sp.tempsite.ws/promemoria/html/interna.php?chave=conteudos&id=19 acessado dia 03 de dezembro de 2010. Foto de 1930.

Figura 26

Fonte: http://camarasjc.sp.tempsite.ws/promemoria/html/interna.php?chave=conteudos&id=19 acessado dia 03 de dezembro de 2010[81]

Olmo, Papali & Zanetti (2010) afirmam que essa doença teve impacto muito forte no início do século XX, no âmbito nacional e internacional. No cenário político, o Brasil iniciava a Primeira República em meio a um intenso surto de pestes e doenças, como a febre amarela, peste bubônica, malária e varíola.

O Estado, por sua vez, para tentar controlar a situação, difundia projetos nacionais, políticas públicas de prevenção e contenção de doenças. Especialistas como médicos, sanitaristas, higienistas, engenheiros civis e funcionários da administração pública buscavam, cada qual na sua especialidade, a sua forma de lidar com o problema. A população temia o contágio.

[81] O periódico Boletim Médico foi editado por médicos e tratava sobre questões ligadas a doenças e sanitarismo, entre 1933 e 1934.

A intenção era deixar o tuberculoso distante, em todos os sentidos, para proteger os indivíduos e a sociedade, do “mal do século”. Essa precaução deveu-se ao fato do crescente número de óbitos.

O fragmento do *Correio Joseense*, do dia 13 de junho de 1920, informava à população maneiras pelas quais podiam evitar a tuberculose. A notícia alegava que inclusive “um beijo amistoso pode ser a causa de tuberculose.”

ANNO I S. JOSE' DOS CAMPOS, 13 DE JUNHO DE 1920 N 23

CORREIO JOSEENSE

INSTRUCÇÕES SANITARIAS

Contagio, curabilidade, tratamento hygienico da —— tuberculose e meios de a evitar.——

O bacillo causador da tuberculose existe na saliva, nas fezes, nas urinas dos doentes e muito especialmeu te nos **escarros**. E' por meio da expectoração que o tisico transmitte mais vezes a tuberculose.

Na casa do tuberculoso tudo é suspeito: a roupa que usa, o talher de que se serve e os objectos em que toca. As mãos do tisico sendo levadas muitas vezes á bocca (para protegel—a na occasião da tosse) ou ao nariz (para assoar—se, ficam a cada momento em contacto com os microbios que o lenço recolhe.

Os escarros atirados ao chão seccam-se e são transformados em poeira que o vento levanta e nós respiramos. E' assim que se contráhe ordinariamente a tuberculose e tambem por esse motivo é que a molestia se localiza muitas vezes nos pulmões.

As vassouras hoje são condemnadas, porque levantam a poeira perigosa.

As gottas de saliva (perdigotos), que o tisico expelle quando fala ou tosse, contêm microbios e transmittem a molestia atè a distancia de mais de **uma metro**.

Um beijo amistoso póde ser causa de tuberculose.

Figura 27

O *Correio Joseense*, do dia 25 de fevereiro de 1927, divulgou um remédio para o tratamento da doença:

ANNO VIII S. JOSE' DOS CAMPOS, 25 DE FEVEREIRO DE 1927

CORREIO JOSEENSE

PULMOTONICO

Uma syntese feliz de varios medicamentos, cuja descriminação dispensa qualquer reclame.

Vide formula no rotulo.

E' o melhor remedio que faz curar a tosse, tenifica os pulmões, combate a insnia sem prejudicar organismo.

O calmante ideal dos tubuerculosos.

Figura 28

Na literatura, Manuel Bandeira, famoso escritor e poeta, usava sua doença como inspiração para as obras:[82]

Pneumotórax[83]

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito

[82] OLMO, Maria José Acedo, PAPALI, Maria Aparecida & ZANETTI, Valéria. *O outro lado da doença: São José dos Campos em tempos de tísica in Fase sanatorial de São José dos Campos: espaço e doença.* São Paulo: Intergraf, 2010, p.109.

[83] Pneumotórax era um tratamento usado pelos médicos em casos graves. O uso dessa terapia incluía a calibragem da bolha introduzida para afastar as pleuras.

> infiltrado.
> - Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
> - Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Uma pergunta foi feita pelo médico José Rosemberg, que clinicou na cidade, na década de 1930, a Manuel Bandeira: Por que tango argentino e não samba? A resposta do tísico escritor foi emblemática: “Samba é uma coisa viva, tango argentino é nostálgico”.

Os imigrantes relacionados à pesquisa e selecionados como colaboradores encontraram, a partir de 1950, uma cidade ainda com problemas de tuberculose. De fato, a reputação de São José dos Campos continuava com preconceito, as pessoas de outras cidades sentiam aflição ao estarem em contato com os moradores joseenses. Como relata um dos colaboradores:

> Namorei bastante em São José, vou contar uma história, essa cidade abrigava os doentes de tuberculose, tinha muito preconceito, uma vez eu estava na cidade de Minas dançando com uma moça muito bonita, quando falei que eu era de São José dos Campos ela me largou no meio do salão. Eu achei muito engraçado. **Youssef Melhem Elkhouri**

Era comum observar ainda na década de 1950 anúncios de pensões, sanatórios com valores diversos; os doentes que mal chegavam já eram arrastados para seus aposentos. Como demonstra o jornal *Correio Joseense*, de 21 de janeiro de 1951:

Fundado em 1920

CORREIO JOSE'ENSE

Ano XXV | REDAÇÃO R. Sebastião Humel, 29 | S. José dos Campos, 21 de Janeiro de 1951 | DIRETOR Napoleão Monteiro | N. 1.329

Sanatorio São José

Tratamento Medico e Cirurgico da Tuberculose Pulmonar.
Raio X. — Pneumotorax. — Regime Higieno-Dietetico.
MENSALIDADES, DESDE Cr.$ 1.000,00.
Rua Paraibuna, 515-Fone, 420-Caixa Postal, 17,
S. José dos Campos
ESTANCIA CLIMATICA

Figura 29

A cidade que disputava doentes enriqueceu. Nesse momento já havia imigrantes libaneses com o comércio de tecidos que vendiam para o Sanatório Vicentina Aranha, segundo relato oral:

> O tio Badue vendia tecido para o Santório, para fazer lençóis, roupas de cama. Ele vendia bastante na época. **Youssef Melhem Elkhouri**

A foto mostra a frente da loja do Badue Cury citada pelo colaboradorYoussef, extraída da *Folha Esportiva*, de 10 de novembro de 1938:

NUMERO ESPECIAL «A FOLHA ESPORTIVA» 10—11—

CASA FIEL

Fundada em 16 de Novembro de 1923

Casa Fiel

A grande casa commercial cujo proprietario é justamente denominado:

O Rei dos Barateiros

Completo sortimento de calçados para homens, senhoras e crianças.

Linhos, brins e roupas feitas, pelos preços mais convidativos possiveis.

Casemiras inglezas e das melhores procedencias, a preços mais vantajosos.

Sedas das mais lindas padronagens e cores.

Grande sortimento de perfumarias finas.

BADUE CURY

Rua Siqueira Campos, 25 e 27 - Phone, 88

São José dos Campos

Figura 30

Em um artigo do *Correio Joseense* publicado no dia 14 de novembro de 1954 sobre a organização dos representantes da colônia libanesa para homenagear o médico

Nelson D'Avila, que era um dos médicos mais importantes da cidade para o tratamento da tuberculose, essa homenagem foi descrita como um gesto nobre.

> O tio Fuad Cury ficou internado no Sanatório Vicnetina Aranha. Ele ficou muito doente, ele tinha medo de morrer. Mas, o dr. Nelson D'Avila foi excelente para ele, o médico curou o meu tio. Eles se reuniram e fizeram uma grande homenagem ao médico. **Youssef Melhem Elkhouri**

Fundado em 1920

CORREIO JOSE'ENSE

Redação R. Sebastião Humel. 29 | S. JOSÉ DOS CAMPOS, 14 DE NOVEMBRO DE 1954 | Diretor Napoleão Monteiro | N. 1.520

UM GESTO NOBRE

Danilo Monteiro

O velho Largo da Matriz, em tempo que já vai longe, era o território livre da garotada, desta terra generosa e hospitaleira.

Ali, em plena cidade, ante os olhos complascentes do velho Padre Monteiro, bandos alegres garrulavam atrás da clássica bola de futebol.

No chão batido da praça pública, circundada por antigas árvores, garotos disputavam ruidosas partidas de futebol, que enchiam de emoção a alma simples do então Vigário de São José

Foi ali mesmo, ao derredor da praça, que, pela vez primeira, pude observar aqueles homens taciturnos, á porta de suas provincianas lojinhas de fazendas, entretidos com os folguedos da garotada, que fazia daquele logradouro o local preferido para memoráveis partidas de futebol.

Aqueles homens taciturnos falavam uma liguagem estranha e tinham os olhos tristes, onde lavrava a ausência de terras distantes.

Eram os primeiros sírios-libaneses que aqui aportaram, deixando lá nos confins do Mediterrâneo o berço de sua raça, na Ásia lendária e milenar.

E ali, no velho Largo da Matriz, os sírios-libaneses, na contemplação daqueles folguedos, procuravam derivativos para amenisar a saudade da pátria, de onde um dia partiram, na longa viagem em busca da Terra de Santa Cruz.

Naquela atitude quase estática, aos seus olhos fixos e úmidos, figuras reais de garotos correndo se confundiam com marinheiros imaginários, na agitação do embarque num porto distante.

Vencidos, ao impacto de melancólica saudade, a sua mente transporta para planos secundários o quadro real, trazendo para a superfície da imaginação os panoramas da Síria longinqua, na sucessão de telas, onde emergem as ruas de Beiruth: as águas marulhantes do Eufrates; os picos gigantescos da cordilheira libanesa, recoberta por magníficos e famosos cedros.

E o sírio-libanês, à porta de de sua loja, dominado pela nostalgia, já se havia ausentado para bem longe, conduzido pelas azas da saudade, na peregrinação pelos roteiros da memória.

Depois, os anos rolaram São José dos Campos cresceu vertiginosamente, e, com a nossa terra, cresceu também a colônia sírio-libanesa, que hoje representa uma fôrça ponderável na vida da cidade.

Outros barcos deixaram os portos da Ásia, trazendo, no seu bojo, novos contingentes de sírios-libaneses, que, aqui, ombro a ombro com os joséense, vão construindo o progresso da cidade que os acolheu de braços abertos.

Fazendo de São José dos Campos um pedaço de sua querida Síria, trabalham, lutam e oferecem o suor de seu rosto para a felicidade da sua pátria de adoção.

Sírios-libaneses de nascimento mas, brasileiros de coração, têm sabido tributar aos joséenses e o seu preito de gratidão, pela hospitalidade que aqui encontraram.

Ainda agora, num gesto que muito nos sensibilisou, essa numerosa colônia soube, mais uma vez, evidenciar o grande carinho que dispensa a tudo que é caro a São José dos Campos.

Promovendo uma campanha para angariar fundos monetários, a colônia sírio-libanesa ergueu, na Praça Afonso Pena, a herma em memória do inolvidavel e benemérito Dr. Nelson Silveira D'Avila, cuja vida foi um edificante exemplo de renúncia e espirito de solidariedade humana.

Os beneficios que o ilustre médico prestou a esta terra, resultam, por isso mesmo, na perpetuação de sua lembrança, através do símbolo construido no coração da cidade, pela generosidade do coração dos sírios-libaneses aqui radicados.

Da comissão fizeram parte, como representantes de tôda a colônia, os srs. Fuad Cury, Pedro Rachid, Ferez Zanete, Nicolau Letaif e Salim Simão, aos quais manifestamos a nossa admiração, na certeza de estar interpretado o sentimento da população joséense, que apertando-lhes as mãos traduz, nesse gesto, o seu «muito obrigado».

Esta crônica foi lida ao microfone da Emissora local em 6-11-54.

Figura 31

Com a descoberta dos antibióticos, a tuberculose deixou de ser uma doença mortal e que levava ao confinamento do doente para ser uma enfermidade curável e que podia ser tratada em casa.

Com isso, a tuberculose e todos os elementos ligados a ela deixaram de ser a principal fonte de renda e o principal projeto econômico da cidade. A elite joseense, a partir desse momento, tinha na industrialização o seu novo projeto econômico.

De acordo com Olmo, Papali & Zanetti (2010), a industrialização de São José dos Campos faz parte do processo de industrialização do Brasil, como um todo, e particularmente do estado de São Paulo. Pode-se dividir o processo de industrialização joseense em três grandes fases:

1) A primeira fase situa-se entre os anos de 1920 e o final da década da 1940. Nesse período, e em sintonia com o processo de industrialização mais geral, as indústrias instaladas em São José dos Campos representam o setor de cerâmica e tecelagem;

2) A segunda fase industrial de São José dos Campos acontece a partir da década de 1950 até final dos anos 1960. O parque industrial de São José dos Campos, nesse momento, tomou novo alento e caracterizou-se pela diversidade da produção.

   Foi nesse cenário que os imigrantes relatados na pesquisa chegaram à cidade joseense. É possível citar as seguintes indústrias:

   - Kanebo e Rodhosá (Rhódia), na área da tecelagem;
   - Johnson e Johnson (1953), na área farmacêutica;
   - Ericsson (1954), telefones e componentes;
   - Bendix (1957), eletrodomésticos;
   - General Motors (1957), automóveis;
   - Eaton (1959), indústria de peças para automóveis;
   - Indústria aeronáutica, a Avibrás (1957);
   - Alpargatas (1961), indústria de calçados;
   - Kodak (1969).

No período das décadas de 50 e 60, outras novidades deram impulso às indústrias: a Rodovia Presidente Dutra (1951) ligando as grandes metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo; O CTA, Centro Técnico Aeronáutico, hoje Aeroespacial; o

Instituto Tecnológico de Aeronáutica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. (1961).

3) A terceira fase da industrialização de São José dos Campos situa-se a partir dos anos de 1970, que representam outro marco na história da cidade. A criação da Embraer, em 1969, acentua o perfil da cidade em relação à alta tecnologia. Essa fase atende o projeto de sociedade e os desejos estratégicos dos militares no poder. Assim, a Embraer, como a indústria bélica que se instalava na cidade, correspondia a uma visão de mundo pragmática e militarista.

A partir dos anos 1990, a tendência econômica da cidade voltou-se para a alta tecnologia, principalmente a aeroespacial e a prestação de serviços. Isso foi visível com a construção de pólos tecnológicos, projetos de incubadoras de novas tecnologias, ou seja, a tendência é uma superação da fase industrial e oferecimento de serviço de alta tecnologia. O slogan atual é o de cidade empreendedora.

O próximo capítulo tratará da inserção cultural, social e econômica dos imigrantes de 1950 a 1970 na cidade receptora.

CAPÍTULO IV

OS LIBANESES EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Os primeiros imigrantes libaneses, segundo relatos orais, chegaram a São José dos Campos por volta de 1881. Assim afirma, por exemplo, o colaborador Youssef; entretanto, não há documentação oficial que comprove a data precisa da chegada de libaneses a essa cidade.

> Pelo que eu fiquei sabendo, o meu bisavô Antonio Romeno desceu no Porto do Rio de Janeiro, por volta de 1881, com mais dois libaneses, Daud Moria e José Antonio Cury... passavam de cidade em cidade de trem até chegarem a São José dos Campos, onde pararam. Dizem que eles vieram andando do Rio de Janeiro até aqui, mas não acredito, eles vieram de trem. **Youssef Melhem Elkhouri**

É possível encontrar no Almanach de São José dos Campos de 1922 nomes de alguns imigrantes libaneses com o ramo comercial que desenvolviam, entre os quais:

Felippe Zaiter Cury - Comércio de Secos e Molhados
José Antonio Cury - Açougue
Miguel Assef - Fazendas
Pedro Rachid & Irmão - Fazendas

Refletir sobre questões ligadas à inserção, à interação e à integração dos imigrantes libaneses que se estabeleceram em São José dos Campos significa tentar recompor parte da história social do processo de imigração, procurando caminhos que possam conduzir a diferentes compreensões das vivências da identidade do grupo após sua chegada.

A vinda de libaneses para o Brasil está ligada ao contexto da grande imigração, período imigratório que se constituiu a partir de projetos políticos específicos voltados para o incentivo e a facilidade de entrada no país com o intuito de atrair europeus. Uma vez instalados, os projetos governamentais concernentes à imigração ampliaram as

possibilidades de entrada de um modo geral; dessa forma, os libaneses encontraram facilidades necessárias para sua entrada e passaram a incluir o Brasil em suas aspirações de vida melhor. Inicialmente, pelas condições oferecidas e, em seguida, incentivadas pelos pioneiros que, já estabelecidos, tornavam-se referência para os recém-chegados.

> Deixamos nossa terra natal no Líbano, minha cidade Kfarchina. Todo mundo falava que o Brasil é um país bom, abençoado e abençoado mesmo. Antes de sair do Líbano fotografamos a cidade para lembrar e mostrar aos nossos filhos. **Emile Antoun Reaiche**

Foto de Kfarchina, cidade de Emile Antoun Reaiche e Milia Sandrone Reaiche, na década de 50. A foto faz parte do acervo da família.

Visto que se observa em depoimentos a importância da família para o imigrante e para o sucesso no país receptor, percebe-se também o papel imprescindível da mulher no fortalecimento e na base de sustentação da casa. Trabalhando em casa ou na rua, como mascate ou no próprio comércio, a mulher libanesa demonstrou desempenhar um papel fundamental no processo de fixação, desenvolvimento e sucesso e até mesmo no desenvolvimento da cidade.

Como afirma Sayad (2000), em um primeiro momento, “a imigração de trabalho, que não tem outra razão de ser que o trabalho, é uma imigração de adultos, de

homens em sua maioria."[84] De acordo com Osman, no caso da imigração libanesa ao Brasil, destacou-se o papel dos homens, solteiros ou casados, nesse processo. A imagem construída do imigrante libanês foi a que o associou como desbravador e herói, exaltado pelas atitudes de coragem e destemor, e seu deslocamento comparado a verdadeiras epopéias e sagas.

As mulheres passam a ser parte atuante desse processo imigratório a partir do momento em que as imigrações tornam-se imigrações de família. Segundo Sayad (1998), "não existe imigração, mesmo autodenominada de trabalho e exclusivamente de trabalho... que não se transforme em imigração familiar..."[85]

As mulheres libanesas, sejam esposas, irmãs ou filhas, desempenharam um papel importante, de acordo com Osman (2000), pela transformação de uma imigração provisória para uma imigração definitiva e pela necessidade da formação familiar no país de destino. As mulheres foram inseridas no processo migratório como esposas, acompanhando seus maridos, tornando-se esposas no Brasil, quando vinham solteiras para ajudar a família, atendendo às necessidades de irmãos ou pais, ou seja, observa-se que as mulheres inseriram-se no processo imigratório libanês ao Brasil atendendo às necessidades masculinas, de acordo com os relatos de alguns colaboradores:

> Eu vim para o Brasil para buscar o meu irmão que já estava no Brasil, Meu pai me mandou ao Brasil para buscar o meu irmão Miguel e voltarmos juntos para o Líbano. Mas ele já estava casado e não quis voltar, e ao invés dele me mandar de volta para o Líbano, arranjou casamento para mim. Eu já conhecia Miled no Líbano, mas nunca tinha imaginado que eu iria casar com ele aqui no Brasil. **Yasmin Nassuf El Khouri El Jalis**

> Meu pai veio para o Brasil, ele viu um mundo diferente aqui e decidiu chamar a família. Meu pai veio em 1949 e disse para minha mãe vir com 5 filhos e deixar o Nabih e eu em Aintaurine. Ela disse que não, vinha todo mundo ou nada. Então meu pai mandou buscar eu e a Antonieta e na outra vez ele chamou todos os outros que ficaram. Eu e Antonieta, minha irmã, viemos em 1951, ela veio para ajudar em casa. **Youssef Melhem Elkhouri**

---

[84] SAYAD, Abdelmalek. *O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. Travessia: Revista do Migrante. Publicação do CEM, Ano XIII, nº especial, jan/2000, p. 24.
[85] Idem. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP, EDUSP, 1998, p. 20.

Youssef Melhem Elkhouri com a sua irmã Antonieta Elkhouri na Itália esperando o navio para vir ao Brasil em 1951. Fonte: Acervo da colaboradora Nabiha Melhem Elkhouri

A família de Youssef Melhem Elkhouri no Brasil, em Aparecida. Eles foram a Aparecida para cumprir promessa a Nossa Senhora Aparecida, pelo irmão Antoun Melhem Elkhouri, que havia sido

> operado várias vezes. Fonte: Acervo da colaboradora Nabiha Melhem Elkhouri, segundo a qual a imagem é de aproximadamente 1955.

A colaboradora relata a dificuldade de ser dona-de-casa, em educar os filhos num país diferente, sem a presença do marido de uma forma mais frequente, uma vez que ele precisava sustentar a família:

> Eu sofri muito, o Emile saía para trabalhar, para vender, e eu cuidava da casa, dos filhos, não é fácil tomar conta de quatro filhos, com outra cultura. A tradição não é a mesma. **Milia Sandrone Reaiche**

Osman (2000) [86] argumenta que, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, essas mulheres imigrantes deixaram a posição secundária de acompanhantes para exercer um papel fundamental no processo imigratório em toda sua complexidade. As mulheres libanesas na imigração ao Brasil estiveram ligadas a fatores fundamentais do ponto de vista da formação familiar, da preservação das tradições culturais, da língua, da religião e dos costumes ao longo das gerações, mediando conflitos, mantendo os projetos familiares, defrontando-se com as dificuldades da manutenção de uma estrutura cultural diferente do país de imigração, além de se associarem às questões referentes ao estudo e ao trabalho.

Durante os relatos, porém, pode-se perceber que as tradições em relação à língua não foram mantidas. Eles revelam que a necessidade do trabalho em tempo integral impossibilitou o ensino da língua.

A culinária árabe se posicionou como o elo mais forte da preservação da tradição.

> Eu cozinho comida árabe mesmo, quase não faço comida brasileira, muito difícil eu fazer arroz e feijão, faço comida da gente. No Líbano, eu frequentava a nossa Igreja, eu sou maronita, aqui em São José não tem uma igreja para nós, tem missa no rito maronita de quinze em quinze dias. Meus filhos não sabem falar árabe, entendem alguma coisa. Não tive tempo de ensinar. **Marie Alwan**

> Sempre fiz comida árabe em casa, mas depois que abriu o nosso restaurante não cozinho mais e agora como mais comida brasileira. No

[86] OSMAN, Samira Adel. *O papel da mulher árabe no processo imigratório entre o Brasil e o Líbano.* Travessia- Revista do Imigrante. Jan/2000.

> Líbano eu frequentava a nossa Igreja, eu sou maronita, eu sinto falta da nossa Igreja. **Milia Sandrone**

Para Osman (2000), é preciso ressaltar que a presença da figura masculina no desenvolvimento financeiro da família era importante, mas a falta deles, em alguns casos, levou a mulher à necessidade de assumir o sustento da família e a ocupar a posição de provedora principal, e não mais de auxiliar.

> O ponto que eu estou agora no Centro, no Calçadão, meu marido comprou, mas, como ele comprou? Emprestou cento cinquenta de um, cento cinquenta do outro, cento cinquenta do banco, tudo cento cinquenta, pegou do patriciada para pagar depois, pagava juros. Aí ele ficou doente e faleceu. E ficou tudo nas minhas costas. Então o dono da casa vinha e brigava comigo dizendo que eu estava atrasada com a prestação, falava que eu não queria pagar a conta. Eu fiquei desesperada, grávida, barriga grande, não sabia de onde tirar o dinheiro para pagar essa casa. Eu falei para ele que eu vou pagar, para ele ter paciência, mas ele insistia que ia tomar a casa de volta. Porque no contrato está escrito que, se atrasar três meses, ele podia pegar a casa de novo. Um dia ele chegou aí e ficou sentado o tempo inteiro, a loja era menor e nos fundos a casa pequena. Tinha um revolver dentro da gaveta, peguei o revolver e falei: "Eu vou matar você antes de me encher o saco", mato nada! (risos). Eu pus medo nele! Ele era um senhor de idade, na hora que ele viu o revolver, foi muito engraçado, ele saiu correndo e nunca mais voltou para receber. Eu mandava o dinheiro pelo sobrinho dele, Jorge, um patrício. Depois que tive o meu filho, voltei a trabalhar na rua, fazia feira, vendia na rua, deixava o menino em casa sozinho, foi um sacrifício mesmo. E, depois que chegava em casa, dez horas, onze horas da noite, a criança tudo sujo, não tem o que comer, não é fácil não. Só fé em Deus, só fé em Deus. Aí consegui pagar uma parte, depois Deus me ajudou, paguei outra parte da casa, foi, foi, foi indo, graças a Deus consegui pagar tudo, eram quatro mil naquela época, esse ponto que a gente está agora e o ponto do lado. O ponto do lado era uma casinha velha, tinha goteira, era depósito de banana, a gente sofreu um pouco. Comprei toalha de plástico, cobria os meus filhos à noite com toalha porque quando chovia, chovia tudo na cabeça deles. Deus ajudou melhorar, na hora que melhorou fiz reforma aqui, melhorou um pouco, consegui fazer tudo que eu queria fazer, paguei a casa, sobrou dinheiro pra comprar mais uma casa, batalhei bastante, consegui, graças a Deus! Consegui! Tudo que você imaginar eu tenho, mas com muita luta e sacrifício. **Marie Alwan**

O próximo relato retrata a situação de uma imigrante que, mesmo antes do falecimento do marido, cuidava das questões financeiras da família:

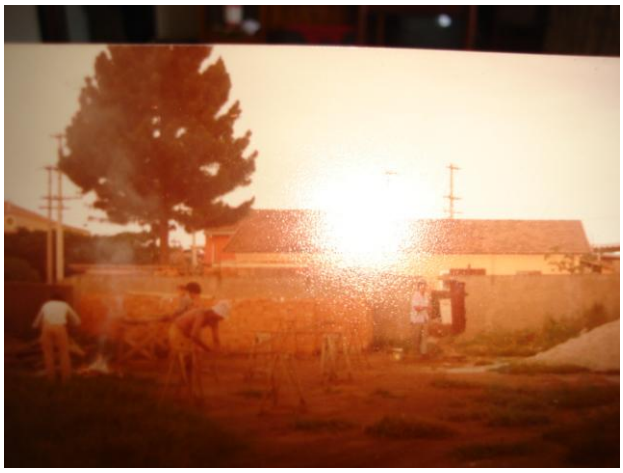
> Meu marido, que Deus dê descanso a ele, era bonzinho, tinha bom coração, mas não tinha cabeça pra mexer com dinheiro, com comércio. Dava mala pra ele vender na rua, e roubavam ele. Eu sou muito boa de fazer conta na cabeça. Eu pedia pra Miled ir comigo pra São Paulo fazer compras, porque eu não queria ir sozinha, mas ele não ia, ele falava que não era com ele. Ele era muito simples, ele cuidava da loja quando comecei ter loja, fazia feira, carregava peso, mas ir pra São Paulo, não! A loja era do lado do bar, ele começou a beber e a fumar, eu fiquei brava com ele, porque ele gastava do lucro da loja com bebida e cigarro. Eu ia pra São Paulo, não comia em restaurante, comia pão sem nada, pão puro pra economizar, não tomava café em restaurante pra economizar. Falava pra Miled, que não comia nada em São Paulo e ele gastava o dinheiro da venda com bebida e cigarro. Eu via a caixa de cigarro, amassava e jogava fora. Sempre ele pegava o dinheiro do caixa, uma hora era o café, uma hora era o cigarro, bebida. Gastava tudo. Eu chegava de São Paulo com carro cheio e perguntava que havia vendido, nunca tinha dinheiro. Mas isso já passou! **Yasmin Nassuf El Khouri El Jalis**

A partir desses relatos, é possível desvendar a atuação da mulher no processo imigratório, transcendendo o papel histórico e social tradicional. Além do espaço doméstico, as mulheres ocupam o espaço do trabalho, reorganizam o papel da família, de uma forma sutil e eficiente, sem que afrontem o espaço masculino.

A mulher ocupa-se do bem-estar da família, enquanto garante a plena inserção dos seus no mundo do trabalho e o sucesso nos negócios. Desempenhar funções junto ao comércio familiar é uma condição necessária, pois a presença física da mulher permite que seu papel de dona-de-casa seja mantido, uma vez que a composição espacial geralmente alia a casa de morada ao ponto comercial.

O modelo abaixo indica uma das variações da composição espacial de moradia e comércio, que também podem distribuir-se entre: morada na frente e ponto comercial ao fundo, ou ainda em forma de sobrado com o comércio embaixo. O trabalho no comércio familiar significou para as mulheres uma prolongação do seu tempo de trabalho doméstico não remunerado, uma vez que não havia um salário ou retribuição direta em dinheiro.

> A minha casa é muito grande, ocupa meio quarteirão, embaixo fica o restaurante... Antes de ser restaurante, era uma lanchonete, e a casa ficava ao lado, mas as coisas melhoraram e consegui construir um lugar pra morar e trabalhar. **Emile Antoun Reaiche**



Casa de Emile. Quando chegou ao bairro Vila Industrial, em 1966, o bairro era afastado do centro, hoje em dia, com o crescimento da cidade, passou a ficar mais simples ir desse bairro ao centro. Fonte: Acervo da família Reaiche

Com a função prioritária e exclusiva de se integrarem ao mundo do trabalho, construindo condições de inserir profissionalmente as novas gerações, as famílias de imigrantes sírios e libaneses adotaram a mascateação, o pequeno e o médio comércio como forma inicial de trabalho. Foram essas atividades que envolveram homens e mulheres, garantiram a inserção profissional de todos os membros das famílias e ofereceram condições de escolaridade e formação profissional nas carreiras liberais.

Homens e mulheres trabalharam no comércio familiar tentando acumular um capital que era utilizado para oferecer aos filhos escolaridade e uma formação profissional adequada. Os recursos econômicos necessários à assistência familiar, que garantiriam a inserção das gerações futuras no mercado de trabalho, contaram com a colaboração essencial das mulheres, que dividiram a responsabilidade com os homens da família. É importante também ressaltar o papel dos filhos mais velhos, que, conjuntamente com o pai, assumiam sacrifícios para oferecer o melhor à família.

Eu sou o filho mais velho, ajudei o meu pai a comprar uma casa para a minha família. Quando meu pai morreu, tomei conta da família. Cuidava da loja e ajudava a sustentar a minha mãe. **Youssef Melhem Elkhouri**

Youssef Melhem Elkhouri, em 1956, na entrada de sua loja em São José dos Campos. Fonte: Acervo de Nabiha Melhem Elkhouri

Dando conta das dificuldades que o conceito de família engloba e procurando evitar as generalizações, algumas considerações foram elaboradas, tentando fugir dos riscos de tratar a família como um objeto abstrato. Tradicionalmente, a forma mais valorizada da família é a forma nuclear, composta de pai, mãe e filhos, embora haja diversos tipos de família.

Diferentes arranjos familiares atribuem-se aos momentos de crise, uma vez que, nestas circunstâncias, a família tem apresentado capacidade de resistência e de adaptação, o que é demonstrado pelas múltiplas formas que assume. Adorno & Horkeheimer, citados por Canevacci (1987), concluem que "a família não apenas depende da realidade social em suas sucessivas concretizações históricas como também é socialmente mediatizada até em suas estruturas mais íntimas" [87].

Com relação à imigração síria e libanesa, a historiografia tem ressaltado o papel fundamental da família na composição da identidade deste grupo, afirmando que as

[87] ADORNO; HORKHEIMER. Sociologia da família. *In*: CANEVACCI, Mássimo. *Dialética da família*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 213.

características predominantes na sociedade de origem aqui se reproduziram[88]**.** Muitos dos costumes e tradições do país de origem mantiveram-se inseridos no seio familiar, como características ligadas à alimentação, principalmente.

> Eu estranhei um pouco a comida no começo, mas depois acostumei, na minha casa sempre tinha mais comida árabe do que brasileira, mesmo depois de casado. **Youssef Melhem Elkhouri**

Nestas circunstâncias, as relações familiares assumem formas e finalidades diversas enquanto núcleo afetivo de apoio e solidariedade, apresentando aspectos positivos que podem ser observados no grupo de imigrantes libaneses que migrou apoiado por uma base familiar:

> Desci no porto de Santos em 1951 e meu pai esperava por nós, foi muito emocionante esse encontro. Chegamos a São José dos Campos e fomos morar na Rua Mário Galvão, no centro da cidade. Eu adorei São José. **Youssef Melhem Elkhouri**

No caso da imigração libanesa, profundos vínculos com a terra natal mantiveram-se inicialmente; Truzzi (1997) apresenta duas circunstâncias que atestam essa situação. A primeira está ligada às remessas de dinheiro: mesmo sendo um dado difícil de avaliar, está registrado nas correspondências trocadas entre familiares e pessoas de confiança.

> No entanto, baseando-se em pesquisas comparativas entre a imigração síria e libanesa no Brasil e nos Estados Unidos, o autor menciona um relatório da Comissão de imigração estadunidense, enviado ao Senado, em 1907, apontando que os imigrantes sírios remetiam mais dinheiro que qualquer outra nacionalidade. Destaca também uma estimativa elaborada para composição da história econômica do Oriente Médio, que apresenta em período que antecede a Primeira Guerra Mundial a vinculação de 41% dos orçamentos familiares da região do Monte Líbano à remessa de dinheiro dos emigrantes.[89]

---

[88]COELHO, H.M.F. *Imigração e História Local: sírios e libaneses em Franca.* 1998, p. 81-82, Tese (Livre Docência) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

[89] TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 29-31.

A segunda circunstância reside no caráter temporário com o qual a emigração foi vista até pelo menos o início da Primeira Guerra Mundial. Essa também é uma das razões que explicam o significativo número daqueles que vieram solteiros, sozinhos ou acompanhando amigos ou familiares.

De acordo com relatos, alguns imigrantes deixavam seus filhos no Líbano como garantia de que retornariam ao país.

> Então, é uma história confusa, veio meu bisavô Antonio Romeno Neme, com o tempo ele mandou buscar a família dele, que ficou no Líbano. Só vieram dois filhos, a mulher não veio, não quis vir, não quis deixar o Líbano, morreu lá, chamava Matoura Nicola Gantos, o filho que veio para cá chamava José Antonio Romeno Neme e uma filha que ficou viúva, Katarina, e ela veio com os seus dois filhos... Depois meu tio Badue Khouri veio com a mulher dele, Josephina, em 1922. Eles deixaram o filho com os pais, meu avô, no Líbano, quando o tio Badue pôde enviar dinheiro para buscar o filho, ele já havia morrido. Morreu de sarampo. Meu avô e minha avó ficaram loucos. O meu avô era padre. Khouri Youssef. **Youssef Melhem Elkhouri**

> Primeiro vim com meu marido e minha filha Antonieta e depois de um ano mandei buscar Laurisse e Maurício. Minha sogra não queria mandar eles para o Brasil, ela chorava muito, mas mandou. Teve que mandar. **Marie Alwan**

Khouri Youssef, padre Youssef, avô de Youssef Melhem Elkhouri e Nabiha Melhem Elkhouri. Fonte: Acervo de Nabiha Melhem Ellkhouri, que não se lembra da data da foto[90].

Na noção de retorno vinculada à condição de emigrante e de imigrante, exposta por Abdelmalek Sayad (1998)[91], pode-se inferir que o fato de não ser expresso não obscurece o desejo alimentado pelos imigrantes no princípio, até que se apague a vontade de retornar à terra natal de forma definitiva.

> Não voltaria a morar no Líbano, passear sim, já voltei duas vezes para passear, mas morar não! **Salim Gabriel Nicolas**

> Nós vamos morrer aqui, vamos pro Líbano só pra passear, são 56 anos de Brasil. **Emile Antoun Reaich**

---

[90] Os padres do chamado rito oriental, que segue um código canônico distinto do rito latino, podem casar. No total, são 22 as igrejas católicas orientais em que o padre pode casar. Uma das principais delas é a Maronita, com origem na Síria e no Líbano do século IV. Nas igrejas orientais, há a opção. Antes de se ordenar, o padre decide se vai ser celibatário ou se vai casar. Uma vez ordenado, o padre não pode mais casar.

[91] SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

> Gostei de voltar para o Líbano em 1994 para passear. Mas para morar não quero, porque a minha família está no Brasil. Eu já me acostumei com o Brasil. **Mitanius Salim Assaad**

> Voltar a morar no Líbano? Não! Só para passear e ainda olha lá! Eu gosto do Brasil. Eu tenho família, amigos. Gosto da cultura daqui. **Najet Mitanios Assaad**

A convivência mais íntima com grupos familiares permitiu que emigrantes se adaptassem aos costumes, às tradições e à língua do povo que os recebeu. Rapidamente, os libaneses começaram a considerar o Brasil como sua pátria. Na fala de um colaborador é notória a adesão a alguns costumes da cultura local:

> Quando conheci o Carnaval do Brasil, eu gostei muito, eu via fantasia de alemães, portugueses,.. então pensei: "Por que não da cultura árabe?" Minha mãe costurou mais de quinze roupas com turbantes e saímos em bloco, que tinha até nome: "Barco Fenício". Sempre éramos bem recebidos nos salões, e a banda chegava a tocar quase uma hora de música libanesa. Sentávamos no chão, e as meninas, vestidas de princesas árabes, dançavam no meio da roda. Tinha um japonês que fazia espada de madeira, mas que parecia de verdade, e a gente complementava a fantasia com elas. **Youssef Melhem Elkhouri**

> Quando cheguei ao Brasil senti muita diferença de cultura, mas me adaptei fácil. Não demorei muito para aprender a falar português porque precisava por causa do comércio. Gostei muito de arroz e feijão, churrasco. Gostei do carnaval, povo divertido, gosto de futebol, costume diferente, mas respeitei. Nós também bebíamos, dançávamos, no Líbano, fazíamos farra também. **Salim Gabriel Nicolas**

> Eu adorei comer arroz, feijão, farinha e banana, engordei dez quilos. Banana no Líbano era muito cara e no Brasil era barata, aproveitava e comprava muita banana. Outra coisa, gostei do guaraná, no Líbano não tinha guaraná. **Hind Nader Elkhouri**

Barco Fenício organizado por Youssef Melhem Elkhouri durante o carnaval de 1961 em São José dos Campos. Seu tio Fuad acompanha o desfile no lado direito. Fonte: Acervo de Youssef Melhem.

Apesar da rápida adaptação aos costumes, às tradições, em alguns casos se observa que houve estranhamento da cultura local. Pode-se ver nos relatos de alguns colaboradores:

> O que não gostei no Brasil foi do namoro, achei muito liberal, as mulheres são muito assanhadas e a violência muito grande, no Líbano não tem violência como o Brasil, as pessoas dormem com a porta aberta e ninguém rouba. A lei no Brasil é muito solta**. Hind Nader Elkhouri**

> ...não gostei de como as mulheres vivem aqui, são muito escandalosas, elas não têm respeito. **Yasmin Nassuf El khouri El Jalis**

> A tradição não é a mesma. As mulheres aqui do Brasil não se respeitam, o namoro não é igual do Líbano, lá os homens respeitam as mulheres. O meu marido só me beijou no dia do casamento, você acredita?... No Brasil tem muita violência, no Líbano ninguém rouba, aqui tem muito ladrão, temos que trancar tudo, fomos roubados muitas vezes aqui. Já perdemos muito dinheiro por causa de roubo. **Milia Sandrone Reaiche**

> Meus filhos casaram com brasileiros, mas o meu medo era traição, das mulheres traírem o marido, aqui no Brasil a maioria das mulheres trai os maridos, só esse problema. **Marie Alwan**

> Quando cheguei, estranhei a comida, tudo diferente. A nossa cultura come tudo com pão, colher é raro. Mas a única coisa que fiquei muito sentido mesmo foi ter sofrido pra aprender falar português... Namorei minha mulher seis meses e casei no Líbano no dia 22/02/1954, não relei nela, só beijei minha mulher no altar, foi o primeiro beijo. No nosso país, Líbano, tem respeito pela mulher, não é igual o Brasil. A mulher no Líbano só namora perto do irmão, do pai, sempre tem alguém perto. O namoro aqui no Brasil é como trocar de roupa, essa tá apertada, essa não serve mais e vai trocando **Emile Antoun Reaiche.**

> Lá no Líbano não existe cerca e muro. Uma vez, eu estava na calçada em frente do meu restaurante, e tem um canteiro enfeitando a entrada do restaurante. Eu vi uma mulher pegando flores do meu canteiro, fui até lá e disse: "Pega logo, antes que o dono veja". A mulher perguntou: "Você conhece o dono?" Eu olhei pra ela e disse: "Eu sou o dono". Ela ficou branca e foi embora. Aqui no Brasil as pessoas pegam as coisas dos outros sem pedir. Aqui tem muita violência. **Emile Antoun Reaiche**

Desta forma, percebe-se que o estranhamento local está ligado à forma de os casais se relacionarem, principalmente com o comportamento da mulher brasileira, que, segundo os relatos, é diferente do comportamento mais recatado da mulher libanesa.

Além das dificuldades relatadas por alguns imigrantes com a língua e a alimentação, os colaboradores citaram a questão da violência na cidade. Provavelmente a violência mencionada está relacionada mais com a atualidade do que com o passado.

Integrados na comunidade social, sentiram-se naturalmente estimulados a participarem das atividades e do progresso da sociedade. Segundo Khatlab (2002)[92], os libaneses deixaram de se agrupar como uma colônia à parte e começaram a ser uma coletividade, que convivia (e convive) lado a lado com o povo brasileiro em todos os recantos do território. Isso é percebido através da inserção dos descendentes delibaneses

[92] KHATLAB, Roberto. *Mahjar Saga libanesa no Brasil,* Zalka- Líbano Mokhtarat 2002, p.58.

na política e economia do país. O atual prefeito[93] de São José dos Campos é neto de libaneses, bem como o atual presidente da Associação Comercial Industrial[94].

Com o aumento progressivo dos imigrantes, em algumas localidades brasileiras, os libaneses se uniram, fundaram associações beneficentes, comunidades religiosas, associações culturais, clubes sociais e esportivos e câmaras de comércio. Em São José dos Campos, no entanto, as pesquisas indicam que não há uma organização maior por parte da comunidade libanesa para formar clubes, centro culturais e associações beneficentes especificamente libanesas, mas eles estão inseridos nas associações e nos clubes locais.

Em relação à religião, os libaneses procuraram manter-se fieis aos ritos maronitas. Atualmente, as missas são quinzenais. A missa é realizada na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, e brasileiros costumam participar das missas também, ao lado dos libaneses. Há uma campanha por parte do padre e dos que participam para que haja mais imigrantes e descendentes de libaneses.

Para preservar alguns aspectos culturais, os libaneses mais antigos da cidade que imigraram na década de 50 reúnem-se, geralmente aos domingos, na casa de um patrício para jogar tawle[95], como conta um colaborador:

> Adoro jogar *tawle*, sabe, é um jogo que veio da Turquia. Os números que falamos no jogo são turcos. É um jogo antigo, da época que a Turquia dominou o Líbano. Eu jogo quase todos os domingos, na casa do Jorge. Meus filhos não aprenderam, não tiveram curiosidade, então eu jogo só com os patrícios. **Salim Gabriel Nicolas**
>
> Eu gosto muito de *tawle*, os patrícios vão na minha casa todos os domingos jogar. Meus filhos não aprenderam, eles não se interessaram e eu não ensinei. **Boutros Nemetallah El Khouri**
>
> A caixa do *nard* já está na sala, em cima da mesa, foi aberta, escancarada, com suas peças em preto e branco... O *nard* é uma

[93] Prefeito Eduardo Pedrosa Cury, neto de Fuad Cury e Maheb Cury.
[94] Felipe Cury, descendente de libaneses.
[95] O mesmo que nard, semelhante ao jogo do gamão. Teve sua origem na Pérsia.

> ciência como o xadrez, não depende só dos dados, o *nard* é um dado certeiro nas mãos de um mestre.[96]

Outro aspecto analisado durante a pesquisa foi o uso da língua. O árabe não foi o foco quando alguns colaboradores falavam como mantinham a ligação entre os países no passar das gerações. Muitos mantêm esse contato com o Líbano através da comida, da cultura e até mesmo de viagens, mas alguns se esquecem da língua.

Como foi explicado anteriormente neste trabalho, os colaboradores alegam falta de tempo, uma vez que ficavam a maior parte trabalhando. Afirmavam não ter tempo de ensinar, e uma colaboradora relatou que a língua árabe dentro de casa estava dificultando o segundo filho a falar o português e por recomendação médica parou de falar a língua de origem. Uma parte dos descendentes entende o árabe, fala pouco, mas não o lê e nem o escreve. Esses aprenderam por iniciativa própria.

> Olha, não ensinei os meus filhos a falar árabe porque eu tinha que trabalhar, ficava muito tempo fora de casa. Os mais velhos entendem e falam pouco, mas não sabem ler e escrever o árabe. **Yasmim Nassuf El Khouri El Jalis**

> Os meus filhos não falam o árabe, não tivemos tempo de ensinar. **Emile Antoun Reaiche**

> Eu conversava em árabe com todos os meus filhos, mas um dia notei que o Anuar estava gaguejando, então o médico pediu para parar de falar o árabe, disse que era a outra língua que estava atrapalhando. E ele disse que o árabe fala enrolado. Eu parei de falar, mas hoje eu me arrependo. **Hind Nader Elkhouri**

Além de todos relatarem que desejam permanecer no país que os acolheu, o Brasil, e somente voltar ao seu país, o Líbano, para visitar, os imigrantes abordaram um sentimento de estranhamento ao retornar à terra natal. Quando estão no Líbano, os parentes caçoam da maneira como falam e, quando estão no Brasil, os brasileiros comentam sobre o forte sotaque. Esse tipo de estranhamento foi abordado no capitulo I.

---

[96] MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. Pgs. 191 e 198

A ideia é que, uma vez imigrante, sempre será estrangeiro por razões diferentes no país de acolhida ou na terra natal.

> Para os brasileiros eu falo diferente, com sotaque. E quando eu fui visitar os meus parentes no Líbano acharam que eu perdi um pouco do árabe, que também tenho sotaque. Eu achei estranho, pensei, então que não tenho uma língua, tenho duas, mas, mesmo assim, as duas não falo direito. É estranho! **Najet Mtanios Assaad**

Com relação aos usos da língua árabe no Brasil, Safady (1966)[97] expõe o que considerou grandes dificuldades para os imigrantes pioneiros, sobretudo pela profissão de comerciante que abraçaram e que exigia a urgência na comunicação. Os entraves estavam ligados, sobretudo, à distinção entre o feminino e o masculino e à pronúncia de algumas letras.

No primeiro caso, a dificuldade ocorre porque muitas vezes o gênero das palavras em português e em árabe, incluindo a variante dialetal libanesa (na qual a letra e no final da palavra designa o gênero feminino), não coincide. Quanto à pronúncia, além da sonoridade, verifica-se a ausência das letras p e v no alfabeto árabe, o que explica o uso de palavras como “bano”, no lugar de pano, “batrício” no lugar de patrício e “babai” no lugar de papai, entre muitos outros exemplos que geram estranhamento.

As dificuldades em relação às letras levou muitos libaneses a traduzir ou adaptar seus nomes à língua portuguesa, assim, Mirienne passou a ser conhecida como Mariana, Hanna tornou-se João, Nagib passou a ter o nome de Júlio e Nagibe passou a ser chamada de Júlia, Antoun passou a ser Antonio e Youssef passou a ser chamado de José.

Para Bastani (1948)[98], nos primeiros períodos de emigração, os libaneses não usaram seu nome de origem, mudaram-no para o vernáculo do país em que se fixaram, porque era difícil a pronúncia correta em língua árabe.

Durante as entrevistas, percebeu-se, da parte de alguns colaboradores, dificuldades em aprender a nova língua enquanto outros apresentaram facilidade, justificada pelo francês, idioma ensinado no Líbano e falado por muitos de seus

---

[97] SAFADY, Wadith. Cenas e cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.
[98] BASTANI, Tanus Jorge. A imigração libanesa para o Brasil. In: JORGE, Salomão. Álbum da colônia síriolibanesa no Brasil. São Paulo: Sociedade Impressora Brasileira, 1948, p. 79-131.

habitantes. As pessoas que não foram para a escola e, portanto, não aprenderam o francês, assim como aquelas que viviam em regiões muito inóspitas, tiveram mais dificuldades em aprender o português.

> Aprendi o português rapidamente por causa do francês e até dei aula particular de francês aqui no Brasil por um tempo. **Hind Nader Elkhouri**

> Única coisa que sofre o estrangeiro é para falar, porque larga o país dele, um idioma, vem no outro país outro idioma, é como nascer de novo, né? É como nascer de novo mesmo. Eu aprendi o português com muita dificuldade. **Emile Antoun Reaiche**

> Não demorei muito para aprender falar português porque precisava, por causa do comércio. Eu aprendi rápido, trabalhar no comércio, na rua, me ajudou muito a aprender o português. **Salim Gabriel Nicolas**

Sobre a questão do casamento, de acordo com os relatos, os libaneses vieram para o Brasil ou casados ou conheceram as respectivas esposas, também libanesas, que haviam chegado havia pouco tempo.

Em relação aos filhos já nascidos no Brasil, alguns colaboradores demonstraram certo receio, por questão da liberdade que consideram que os brasileiros têm em relação ao namoro, mas não houve impedimento de os filhos se casarem com brasileiras ou brasileiros.

> Conheci Youssef, todos o chamavam de José, os amigos da família levaram ele na casa da minha tia para conhecer a minha irmã, mas ele gostou de mim. Meus pais queriam que eu casasse com libanês, e eu também queria. Eu paquerei ele, mas achava que ele era casado e que tinha filhos, porque ele andava sempre de terno. Quando ele bateu a minha porta para me procurar, eu gostei, mas impus limites, porque o namoro no Líbano é sério, é uma relação de confiança. Não é igual no Brasil, onde as mulheres não se respeitam. Namorei três anos e casei. Ele já morava em São José dos Campos; depois de casada, mudei para São José. **Hind Nader Elkhouri**

> Eu conheci a minha esposa Hind na casa do tio dela em Jacareí, na verdade uns patrícios me levaram lá para conhecer as meninas que haviam chegado do Líbano, eu fui lá em 1967; logo que vi a Hind, já sabia que eu iria casar com ela e assim aconteceu, foi o dia mais feliz da minha vida, o dia do meu casamento. O que a gente faz ainda moço é coisa passageira. O que fica na nossa memória é o dia do casamento, a alegria ao ver nascerem os filhos e os netos. **Youssef Melhem Elkhouri**

> Casei em 1957. Conheci a minha esposa ainda pequena no Líbano, ela andava com o cabelo amarrado, com maria chiquinha. Minha mãe brincava com ela falando que ela iria ser a nora dela, era brincadeira, e a brincadeira virou verdade. Depois, quando cheguei no Brasil, Youssef me convidou para jantar na casa dele já em São José dos Campos. Ela, Antonieta, irmã de Youssef, fez um jantar gostoso e aceitou casar comigo, mas foi difícil paquerar ela, pois ela nunca tinha namorado ninguém. **Salim Gabriel Nicolas**

> Eu casei no Líbano no dia 22/02/1954, namorei seis meses e casei. Eu vim para o Brasil casada**.** Meus filhos são casados com brasileiros. O que importa é a felicidade deles, não precisava ser libanês. **Milia Sandrone Reaiche**

> Eu vim para o Brasil solteiro, queria casar, mas com libanesa, então fui para o Líbano e me casei lá. Depois viemos para o Brasil. Os meus filhos são casados com brasileiros. Não obriguei casar com libanês, o que importa é a felicidade deles. **Boutros Nemetallah El Khouri**

> Meus filhos casaram com brasileiros, mas o meu medo era traição, das mulheres traírem o marido, aqui no Brasil a maioria das mulheres trai os maridos, só esse problema. Mas graças a Deus só um deu trabalho, mas agora ele está casado com outra mulher, que é muito boa. Todos estão felizes. **Marie Alwan**

Como se observa na pesquisa e nos relatos, o distanciamento do grupo de sua terra de origem, com sua pressão, suas normas e prescrições, resulta numa ruptura que Sayad (1998)[99] define como uma marca do tempo, uma consequência da ausência do lugar de origem. Uma marca de natureza social, que provoca no emigrante uma

[99] SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

evocação do passado, como se o tempo fosse reversível e pudesse, sempre que necessário, ser percorrido ao inverso. Essa evocação do passado é recorrente entre os libaneses que participaram desta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vinda de grande contingente de imigrantes para o Brasil, sobretudo entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, alterou os padrões demográficos, familiares e trabalhistas do país. Com essas modificações, a sociedade brasileira viu-se transformada, o que confere à imigração a dimensão de um tema clássico de estudos e pesquisas para a área das ciências sociais de modo amplo.

A imigração libanesa, se comparada a outras correntes imigratórias, ocorreu sem agenciamentos, ou seja, foi uma imigração espontânea. Formada, na sua maioria, por indivíduos do sexo masculino que deixaram seu país de origem, o Líbano, motivados para encontrar melhores condições de vida. A maioria veio só, outros vieram casados, apoiados por uma base familiar importante. O exemplo bem-sucedido de alguns pioneiros estimulou o movimento migratório. A oportunidade de fazer dinheiro em relativamente pouco tempo e numa quantia superior à media local exerceu profundo impacto nas aldeias. Dessa forma, as famílias passaram a planejar o envio de seus filhos, inicialmente de forma temporária, como forma de resolver suas dificuldades financeiras. O que era para ser temporário tornou-se, na maioria dos casos, permanente.

A imigração não ocorre sem deixar marcas, que podem, ou não, ser reconhecidas, tal como a experiência relatada por Walter Benjamin na história "Omelete de Amoras"[100]:

> Esta velha história conto-a àqueles que agora gostariam de experimentar figos ou falerno, o borscht ou uma comida camponesa de Capri. Era uma vez um rei que chamava de seu todo poder e todos os tesouros da Terra, mas, apesar disso, não se sentia feliz e se tornava melancólico de ano a ano. Então, um dia, mandou chamar seu cozinheiro particular e lhe disse: - Por muito tempo tens trabalhado para mim com fidelidade e tens servido à mesa os pratos mais esplêndidos, e tenho por ti afeição. Porém desejo agora uma última prova de teu talento. Deves me fazer uma omelete de amoras tal qual saboreei há cinquenta anos, em minha mais tenra infância. Naquela época meu pai travava guerra contra o perverso vizinho do oriente. Este acabou vencendo e tivemos que fugir. E fugimos, pois, noite e dia, meu pai e eu, até chegarmos a uma floresta escura. Nela vagamos

[100] BENJAMIN, Walter – *Obras Escolhidas* vol . II - Rua de Mão Única – Editora Brasiliense, p. 219-220

> e estávamos quase a morrer de fome e fadiga quando, por fim, topamos com uma choupana. Aí morava uma vovozinha, que amigavelmente nos convidou a descansar, tendo ela própria, porém, ido se ocupar do fogão, e não muito tempo depois estava à nossa frente a omelete de amoras. Mal tinha levado à boca o primeiro bocado, senti-me maravilhosamente consolado, e uma esperança entrou em meu coração. Naqueles dias eu era muito criança e por muito tempo não tornei a pensar no benefício daquela comida deliciosa. Quando mais tarde mandei procurá-la por todo o reino, não se achou nem a velha nem qualquer outra pessoa que soubesse preparar a omelete de amoras. Se cumprires este meu último desejo, farei de ti meu genro e herdeiro de meu reino. Mas, se não me contentares, então deverás morrer. – Então o cozinheiro disse: - Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater os ovos e sei que o batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita de modo que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois, apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro. – Assim falou o cozinheiro. O rei, porém, calou um momento e não muito tempo depois deve tê-lo destituído de seu serviço, rico e carregado de presentes.

Como se observa, a presença em um novo lugar implica a ausência em outro lugar, uma ausência de um lugar definido, repleto de significações, o lugar de origem e pertencimento.

Nesta dissertação, diversas fontes foram utilizadas: bibliografia especializada, jornais, fotografias e, principalmente, a história oral. Os relatos orais dos imigrantes aportam reflexões que, partindo de vivências específicas, concretizadas na confluência de pluralismos culturais, constituem reelaborações do passado, de lembranças e esquecimentos.

Como afirma Thompson[101], são experiências de vida que oferecem nova dimensão à história local, propiciando meios para a descoberta de lugares, documentos escritos e fotografias que, de outra maneira, muitas vezes não seria possível localizar.

---

[101] THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 24-25

A aproximação com outros grupos e a necessidade de adaptação resultou em muitos casos no distanciamento da língua árabe ao longo das gerações; já entre os próprios imigrantes libaneses, a língua falada permaneceu.

Em São José dos Campos, inexistem associações, clubes ou centros culturais de libaneses; o que dificulta que o grupo mantenha a memória coletiva. Em contrapartida, pode-se perceber pela pesquisa que a culinária é bastante presente entre as famílias libanesas; na cidade, há diversos restaurantes típicos.

Observa-se no grupo o hábito semanal de jogar *tawle* ou *nard*, o que ajuda a manter os imigrantes próximos à cultura do país de origem, assim como a missa no rito maronita realizada quinzenalmente.

A pesquisa aponta que os imigrantes que vieram de 1950 a 1970 imaginavam que encontrariam um país com muita riqueza, um Brasil de oportunidades. Ao pisarem no solo brasileiro, depararam-se com um país em desenvolvimento, com cultura e língua diferentes, assim houve por parte de vários imigrantes uma sensação de estranhamento, que logo foi superada pelo desejo de trabalhar e pelo anseio de conquistas.

Após extensa pesquisa, verificou-se que não há nenhuma fonte que indique ou estime o número de imigrantes libaneses na cidade.

Como se observou nesta dissertação, os imigrantes que foram entrevistados estão unidos por uma identidade: disseram serem brasileiros e-ou libaneses e-ou árabes; no último caso, a ligação vem pelo idioma.

> O Brasil é um país abençoado, não é somente a minha terra, é uma terra de todos, que acolhe todos os estrangeiros. Eu me considero árabe pelo idioma, eu falo árabe, e libanês pela nacionalidade, somos fenícios. Eu me considero brasileiro como segunda pátria. **Youssef Melhem Elkhouri**

> Sou libanesa, povo fenício, não me considero árabe. Mas, ao mesmo tempo sou brasileira, demorei dez anos para eu me considerar brasileira. Gosto muito do Brasil. Terra dos meus filhos e netos. Hoje eu sou libanesa e brasileira. **Hind Nader Elkhouri**

> Sou libanesa, mas também sou brasileira, terra dos meus filhos, terra abençoada que recebeu a gente. **Milia Sandrone Reaiche**

> Nós vamos morrer aqui, vamos pro Líbano só pra passear, são 56 anos de Brasil. **Emile Antoun Reaiche**

> Eu me considero libanesa e não brasileira, só não voltei a morar no Líbano por causa dos meus filhos. No Líbano é mais tranquilo, não tem ladrão igual no Brasil. Apesar de ter sofrido, de não gostar muito do Brasil, gosto de São José dos Campos, eu sempre vivi aqui. Eu até queria voltar no Líbano, mas meus filhos estão aqui, e todos os meus parentes de lá já morreram, só tenho sobrinhos. O meu único irmão vivo é o Miguel que mora aqui no Brasil. **Yasmin Nassuf El Khouri El Jalis**

> Tudo é *Maktub*, como se fala em árabe. Está escrito como cada um vai ser, vai passar. Todos os libaneses, árabes, acreditam nesta palavra: *Maktub*, está escrito. Não voltaria a morar no Líbano, passear, sim, já voltei duas vezes para passear, mas morar não! Minha raiz é aqui, minha é vida aqui! Eu me considero libanês, não me considero brasileiro. Adoro o Brasil, mas não me considero brasileiro, mas respeito, gosto. Sou contra se meu filho falar mal do Brasil. Sou árabe porque a língua que eu falo é árabe. **Salim Gabriel Nicolas**

Os imigrantes que vieram a São José dos Campos exerceram papéis importantes na sociedade joseense, como políticos, como lideranças em Associação Comercial e entre outros setores da sociedade, transmitindo para os descendentes as tradições e um apreço pela eloquência.

Um dos meios de integração entre os libaneses e a cidade receptora foi a atividade comercial exercida por significativa parcela dos imigrantes vindos do Líbano. A opção por esse tipo de atividade pode ser explicada, segundo os colaboradores, pelo fato de permitir certa flexibilidade no cotidiano e demandar pouca estrutura para o trabalho; assim, muitas vezes, o imigrante iniciava como mascate. Sem dúvida, no caso da presença libanesa em São José dos Campos, pode-se dizer que a atividade comercial teve um papel definitivo na integração da comunidade.

O universo feminino ganha expressividade na conciliação entre trabalho, compromissos domésticos e educação dos filhos. Os relatos orais apontam que as pioneiras asseguraram, no balcão da loja, no auxílio em casa ou até mesmo como mascates, a manutenção do lar e, por vezes, o sustento da família.

Muitas perguntas, explicações e reflexões podem ser extraídas da riqueza de informações recuperadas pelas memórias. Há, desse modo, uma fonte de conhecimentos, por meio da história oral, que permite compreender de forma mais apurada a imigração em São José dos Campos.

Como se revela nesta dissertação, os mascates libaneses tornaram-se comerciantes, industriais e políticos, entre outros. Apesar das eventuais diferenças culturais, conseguiram preservar e transmitir muitos elementos da terra natal. Hoje, a cultura libanesa está inserida na cultura brasileira, como também a de outras etnias.

> Uma vez um brasileiro perguntou a um libanês por que existem tantos libaneses no Brasil, e o libanês respondeu espontaneamente: lá em minha pátria, no topo de uma montanha, que aos seus pés dorme o Mediterrâneo, está em pé a Virgem Maria, seus olhos abraçam o mar e com seus olhos abertos diz para os libaneses: Vão meus filhos e sonhadores para o outro lado do oceano, para o Brasil. Lá estará meu filho único no topo de uma montanha no Rio de Janeiro de braços abertos esperando por vocês. Vão para essa terra abençoada que abriu e ainda abre seus braços para os filhos do Líbano. **Roberto Farah**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULKARIM, Amir. *La diaspora Libanaise en France* apud OSMAN, Samira Adel., tese volume I, São Paulo, 2006.

ABUJAMRA, Said e NAJIM Fares Simão- JAFET, Nami. Ensaios e discursos, São Paulo: 1947 in KHATLAB, Roberto. *Mahjar Saga libanesa no Brasil*, Zalka- Líbano Mokhhtarat: 2002.

ALMEIDA, Paul Edman. O tempo, a política e a memória imperecível de São José dos Campos *in Câmara Municipal de São José dos Campos: cidade e poder*. São José dos Campos- UNIVAP, 2009.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela* in GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil história oral dos imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Os Turcos* in GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil história oral dos imigrantes*. Gandalf, São Paulo, 2005.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O Tempo Vivo da Memória*: *Ensaios de Psicologia Social.* São Paulo : Ateliê Editorial, 2003.

BOTELHO, Joaquim Maria. *Mosaico informativo da política no Vale do Paraíba*. Aparecida: Santuário, 1993.

CHALLITA, Mansour, *Este é o Líbano*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1976.

CHALITA, Gabriel. *Vale do Paraíba, Política e Sociedade.* Aparecida: Editora Santuário, 1993.

COELHO, H.M.F. *Imigração e História Local: sírios e libaneses em Franca*. Franca: 1998. Tese – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

ESPINOLA, Claudia Voigt. *O véu que (des)cobre: etnografia da comunidade árabe em Florianópolis. Tese, Santa Catarina*, 2005.

FARAH, Paulo Daniel. Elias. "Árabes e descendentes no Brasil: das primeiras presenças no país à renovação cultural na América do Sul" in *Presença Árabe na América do Sul.* São Paulo: BibliASPA, 2010.

_____. "A presença árabe na língua portuguesa" in Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: FBN, 2009.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

GATTAZ, Andre. *Do Líbano ao Brasil história oral dos imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.

HOURANI, Albert e SHEHADI, Nadim. The Lebanese in the word: a century of emigration. London: The Centre for Lebanese Studies e IB Tauris & Co Ltd. Publishers, 1992 apud OSMAN, Samira Adel., tese volume I.

JACOB, Maria Regina; MURAD, José Felício Goussain. *Líbano: O encontro do Ocidente com o Oriente.* São José dos Campos: Univap, 1994.

KHATLAB, Roberto. *Mahjar. Saga libanesa no Brasil*. Beirute: Mokhtarat, 2002.

KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses: mobilidade social e especial*. São Paulo: Anhembi, 1960.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família. Leitura da fotografia histórica.* São Paulo. EDUSP, 2000.

LE GOFF, Jaques. *História e memória.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MIRANDA, Ana. *Amrik.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

OLMO, Maria José Acedo; PAPALI, Maria Aparecida & ZANETTI, Valéria. O outro lado da doença: São José dos Campos em tempos de tísica *in Fase sanatorial de São José dos Campos: espaço e doença.* São Paulo: Intergraf, 2010

OSMAN, Samira Adel. *O papel da mulher árabe no processo imigratório entre o Brasil e o Líbano.* Travessia- Revista do Imigrante. Jan/2000

_____. Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado)

_____.. A imigração árabe no Brasil. Travessia – Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 35, set./dez. 1999

PERALVA, Angelina. Globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais**,** São Paulo, 2008

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio *in Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social *in Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SALIBI, Kamal, Histoire du Liban XVII ème sièle à nos jours, Paris 1988 apud EDDÉ, Emile, *O Líbano através dos séculos.* Tomo II, Rio de Janeiro, 2001.

SAFADY, Jamil. *O café e o mascate*. São Paulo: Comercial Safady, [s.d.].

SAFADY, Wadih. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil.* São Paulo, Ed. Scipione, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. Travessia: Revista do Migrante. Publicação do CEM, Ano XIII, nº especial, jan/2000.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Migração e família no Vale do Paraíba (séculos XVIII e XIX*). São José dos Campos: Univap, 1994

SOARES, Laerte Luiz; SOUSA, Ana Maria Santos. *Modernidade e Urbanismo Sanitário São José dos Campos.* São José dos Campos: UNIVAP. 2000.

TANUS, J. B. *Os libaneses no Brasil*. *In*: JORGE, *Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*. São Paulo: [s.n.], 1948.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.

TRUZZI, Oswaldo M. S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, FAPESP/Brasília, DF: CNPQ, 1991.

_____. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

Fontes de mídia impressa:

Correio Joseense 13 de junho de 1920

Correio Joseense 25 de fevereiro de 1927

Correio Joseense 9 de maio de 1943

Correio Joseense 14 de novembro de 1954

Folha Esportiva 10 de novembro de 1938

Referências Eletrônicas:

http://www.pindavale.com.br/mapas/mapa_vale.htm acessado em 29 de setembro de 2011 às 19h45min

http://camarasjc.sp.tempsite.ws/promemoria/html/interna.php?chave=conteudos&id=19 acessado dia 03 de dezembro de 2010 às 20h35min

http://camarasjc.sp.tempsite.ws/promemoria/html/interna.php?chave=conteudos&id=19 acessado dia 03 de dezembro de 2010 às 21h40min

www.libano.org.br acessado em 23/11/2010 às 20h15min

ANEXO I

DESCRIÇÃO DOS COLABORADORES

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Antonio Rumeno Neuma

Data de Nascimento: Aproximadamente 1859

Cidade de origem no Líbano: Aintourine

Ano de chegada ao Brasil: 1881 ou 1885

Ano de chegada a São José dos Campos: 1881 ou 1885

Casado com: Mantura Nigola Gantos

Número de Filhos: 05

Profissão: Lavrador no Líbano/ comerciante no Brasil

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Mascate

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas feitas, armarinhos

Nome do estabelecimento comercial:

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [ ]sim [x]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Boutros Nemetellah El Khouri

Data de Nascimento: 04/11/1931

Idade: 79 anos

Cidade de origem no Líbano: Arjes

Ano de chegada ao Brasil: 1954

Ano de chegada a São José dos Campos: 1954

Casado com: Mona El Khouri

Número de Filhos: 04

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Mascate

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas feitas

Nome do estabelecimento comercial: Casa Unida

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Daoud Mikhael Maria

Data de Nascimento: 1859

Cidade de origem no Líbano: Aintourine

Ano de chegada ao Brasil: 1881 ou 1885

Ano de chegada a São José dos Campos: 1881 ou 1885

Casado com: Tarouz Anisse Maria

Número de Filhos: 06

Profissão: Lavrador no Líbano/ comerciante no Brasil

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Mascate

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial?
Casa de Fazendas (tecidos)

Nome do estabelecimento comercial:

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [ ]sim [x]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Emile Antoun Reaiche

Data de Nascimento: Ano 1935

Idade: 75 anos

Cidade de origem no Líbano: Kfarchina

Ano de chegada ao Brasil: 1954

Ano de chegada a São José dos Campos: 1954

Casado com: Milia Sandrone Reaiche

Número de Filhos: 04 filhos: Jamel, Tereza, José e Antonio

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Mascate

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Restaurante

Nome do estabelecimento comercial: Reaiche's Pizzaria e Restaurante

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Hind Nader Elkhouri

Data de Nascimento: 06/01/1948

Idade: 62

Cidade de origem no Líbano: Kubaiat

Ano de chegada ao Brasil: 1966 (Jacareí)

Ano de chegada a São José dos Campos: 1970

Casado com: Youssef Melhem Elkhouri

Número de Filhos: (4) Rosemary Nader Elkhouri, Anuar Melhem Elkhouri, José Marcelo Elkhouri, Dunia Nader Elkhouri

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Ajudava o tio no comércio

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [X]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Flores artificiais

Nome do estabelecimento comercial: Alamara Presentes

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Milia Sandrone Reaiche

Data de Nascimento: Ano 1935

Idade: 75 anos

Cidade de origem no Líbano: Arjes

Ano de chegada ao Brasil: 1954

Ano de chegada a São José dos Campos: 1954

Casada com: Emile Antoun Reaiche

Número de Filhos: 4 filhos: Jamel, Tereza, José e Antonio

Profissão: Dona de casa

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Dona de casa e ajudava o marido no restaurante

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Restaurante

Nome do estabelecimento comercial: Reaiche's Pizzaria e Restaurante

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Mtanios Salim Assaad

Data de Nascimento: 20/02/1944

Idade: 66 anos

Cidade de origem no Líbano: Safaina El Drab

Ano de chegada ao Brasil: 1963

Ano de chegada a São José dos Campos: 1963

Casado com: Najet Mtanios Assaad

Número de Filhos: (4) Josefina, Sonia, Charbel, Abel

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Começou como mascate e logo depois abriu um comércio

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas feitas

Nome do estabelecimento comercial: Não lembra

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [ ]sim [x]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Marie Alwan

Data de Nascimento: 22/09/1924

Idade: 86 anos

Cidade de origem no Líbano: Aiton

Ano de chegada ao Brasil: 1954

Ano de chegada a São José dos Campos: 1954

Casada com: Bakus Alwan

Número de Filhos: 6 filhos Laurisse, Mauricio, Antonieta, Toninho, Beto e Jorge

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Mascate

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas em geral

Nome do estabelecimento comercial: Casa Líbano

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Nabiha Melhem Elkhouri

Data de Nascimento: 07/07/1937

Idade: 73 anos

Cidade de origem no Líbano: Aintourine

Ano de chegada ao Brasil: 1953

Ano de chegada a São José dos Campos: 1953

Casado com: Solteira

Número de Filhos: Não tem filhos

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar em São José dos Campos: Ajudava o pai na loja.
Nome da loja: Casa Santo Antonio

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [X]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas em geral

Nome do estabelecimento comercial: Modas Dunia

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Najet Mtanios Assaad

Data de Nascimento: 18/03/1945

Idade: 67 anos

Cidade de origem no Líbano: Bchanin

Ano de chegada ao Brasil: 1963

Ano de chegada a São José dos Campos: 1963

Casado com: Mtanios Salim Assaad

Número de Filhos: (4) Josefina, Sonia, Charbel e Abel

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Dona de casa

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas feitas

Nome do estabelecimento comercial: Não lembra

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [ ]sim [x]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Salim Gibrael Nicolas

Data de Nascimento: 08/03/1931

Idade: 79

Cidade de origem no Líbano: Aintaurine

Ano de chegada ao Brasil: 1953, morou em São Paulo até 1957

Ano de chegada a São José dos Campos: 1957

Casado com: Antonieta Melhem Elkhouri Nicolas

Número de Filhos: 4 filhos: Maria Aparecida, José, Rodolfo, Charbel, Sandra

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Foi mascate em São Paulo, depois e em São José dos Campos abriu uma loja

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas em geral

Nome do estabelecimento comercial: Caê- Os filhos tomam conta

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Yasmin Nassuf El Khouri El Jalis

Data de Nascimento: Ano 1932

Idade: 78 anos

Cidade de origem no Líbano: Arjes

Ano de chegada ao Brasil: 1954

Ano de chegada a São José dos Campos: 1954

Casada com: Miled Mikhael El Jalis

Número de Filhos: 5 filhos

Profissão: Comerciante aposentada

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Mascate

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [x]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Roupas em geral

Nome do estabelecimento comercial: "Cristiano Modas" – a loja tem o nome do neto mais velho (a filha toma conta)

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei

PESQUISA: IMIGRAÇÃO LIBANESA EM SÃO JOSE DOS CAMPOS

FICHA PARA OS IMIGRANTES QUE SAÍRAM DO LÍBANO

Nome completo: Youssef Melhem Elkhouri

Data de Nascimento: 24/01/1929

Idade: 81 anos

Cidade de origem no Líbano: Aintourine

Ano de chegada ao Brasil: 1951

Ano de chegada a São José dos Campos: 1951

Casado com: Hind Nader Elkhouri

Número de Filhos: (4) Rosemary Nader Elkhouri, Anuar Melhem Elkhouri, José Marcelo Elkhouri, Dunia Nader Elkhouri

Profissão: Comerciante

Atividade desenvolvida ao chegar a São José dos Campos: Tinha um comércio chamado Loja São José (era considerado um bazar)

Possui ou possuiu algum estabelecimento comercial? [X]sim [ ]não

Em caso afirmativo, qual é ou era o ramo do comercial? Flores artificiais

Nome do estabelecimento comercial: Alamara Presentes

Esse estabelecimento ainda está em funcionamento? [x]sim [ ]não [ ]não sei